KLAXON

mensario de arte moderna

são paulo

9

DEZEMBRO DE 1922 JANEIRO DE 1923

klaxon

MENSARIO DE ARTE MODERNA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

S. PAULO — Rua Direita, 33 Sala 5

ASSIGNATURAS - Anno 12$000

Numero avulso — 1$000

REPRESENTAÇÃO:

RIO DE JANEIRO — Sergio Buarque de Hollanda (Rua S. Salvador, 72-A.)

RECIFE — Joaquim Inojosa (Jornal do Commercio)

FRANÇA — L. Charles Baudouin (Paris).

SUISSA — Albert Ciana (Genebra Rampe de la Treille, 3).

BELGICA — Roger Avermaete (Antuerpia — Avenue d'Amèrique, n. 160)

SUMMARIO

INS

Desejo da Terra: arvore!

Espiritualidade da Terra: arvore!

Elegancia, força, doçura, fragilidade, eternidade. Folhas: adorno e sentimento. Galhos: defesa, amparo, agasalho, aspiração, elevação para o infinito.

Postura da arvore: adoração perpetua, tragica immobilidade. Silencio. Campo deserto, arvore solitaria. Montanha espectral, arvore, phantasma allucinado.

Arvore e vento. Inutil gemido. Infatigavel açoute.

Arvore e sol. Febril exaltação de aromas. Resinas. Quietação. Adormecimento da natureza na volupia do perfume.

Madrugada da arvore. Cantos de alvorada. Clarins, flautas, zumbidos. Alegria, alegria. Fim de sombra.

Nocturno. Gargalhadas. Aves zombeteiras. Rhetorica do pavor. O que a arvore vê á noite.

Suave humidade. Perfida humidade. Vida secreta. Pedras humidas. Limos, artistas subtis. Roseos troncos verdes. Céo humido.

A arvore e a agua. Perenne selva. A agua mysteriosa que móra no intimo da arvore e a que móra nas cellulas humanas. Integração.

Vida profunda. Intelligencia buscando na Terra a vida.

Humanização. Arvores disciplinadas, dominadas. Revolta, violencia. Vingança. Venenos. Segredos dos vegetaes. Solidariedade. Unidade verde.

Desterro da arvore. Saudade. Nostalgia.

Culto. Religião. Melancolia. Amizade. Confidencia e consolo. Romantismo.

Velha arvore. Parasitas, cipós. Enfeite, protecção. Velha arvore se desfaz em pó. Transfiguração universal. Alegria de renascer.

E o Homem, possesso da loucura do movimento, mata na Arvore o repouso e a eternidade.

Floresta das Paineiras, Outubro 1922

GRAÇA ARANHA.

2

Graça Aranha Creador de Enthusiasmo

A obra de Graça Aranha é feita á imagem e semelhança do Brasil. Palpitam nella, desde aquelle primeiro grito de extase ante a formosura do ambiente natal, que foi Chanaan, a exuberancia, a majestade, a energia da Terra

Anima-a o sopro soberano da Natureza, de que ella reproduz, ao mesmo tempo, os impetos e as doçuras, as suavidades e as magnificencias. Mergulham as suas raizes no proprio solo que os nossos maiores regaram com o suor das mãos e o sangue das veias.

Ella é tudo isso que nos cerca. O cheiro da floresta, o rumor da onda, a macieza do céo, a virgindade da luz. Vaga e montanha, herva rasteira e arvore folhuda, crepusculo e madrugada, ella possue os rythmos barbaros do meio cosmico: a bruteza da pedra e o perfume da flor, a riqueza mysteriosa dos carvões obscuros, o brilho solar dos metaes e das pedrarias.

E' ouro, diamante, marmore, cristal!

Tem camadas profundas, como o chão em que assenta a planta dos nossos pés morenos.

Abre na superficie corollas e frondes, troncos e rebentos, reparte-se em fios d'agua, em volumosas torrentes, em cachoeiras ingremes, em lagos espelhados.

Reflecte o sol, reluz nos incendios do sol tropical!

Mas não se contenta com a belleza exterior, a innocente beleza dos olhos ingenuos. Desce e aprofunda-se no seio da Terra. Ao riso numeroso da superficie mistura a lagrima silenciosa do abysmo. No alto, o pedrouço barbaro, a ramaria aromatica, os valles ondulantes. Em baixo, a estalactite subtil, a selva estratificada, a mina prodigiosa que se estende num labirintho, que se multiplica em um meandro infinito de filões opimos. Ali, o jubilo do espectaculo universal. Aqui, o soffrimento, a luta das forças elementares do mundo invisivel.

Só os accentos do hymno ou do pean, só o tumulto das multidões modernas lhe offerecem um parallelo digno.

Graça Aranha é um creador de enthusiasmo. Chammeja-lhe nos olhos a fulguração de Ariel, a dionysiaca alegria de Malazarte! A alegria de construir, de edificar, de talhar no granito e na argilla, no bronze e no porphiro o munumento para a Eternidade.

A Alegria de dansar livremente sobre as Cousas, de imprimir na materia ephemera a juventude perpetua do Espirito.

Toda a sua obra é um conselho para crear. E' uma voz que exige imperiosamente, uma voz que sempre repete: Crea, e serás perfeito. Tua felicidade está na harmonia que souberes arrancar do teu coração. Faze delle um ins-

trumento capaz de traduzir a intensidade, a totalidade da Vida. Goza e chora, soffre e sorri, que será divina a tua Realidade.

Toda a sua obra nos diz: Olha o teu paiz, olha a milagrosa fonte de energia que o Destino te concedeu. Vive o espectaculo unico da Terra em que nasceste. Está nella tua finalidade. A tua finalidade é o enthusiasmo de viver, de viver perigosamente, de amar a immensidade maravilhosa da Vida.

A tua finalidade é a contemplação do espectaculo universal. E' a Arte!

"A arte é a tua libertação. Elimina o terror inicial e funde o teu ser no Todo Infinito. Esta é a tua suprema victoria. A tua patria é movel e tu terás a ansia de a fixar em tua creação transcendente.

"Sob a violencia luminosa do meu céo, eu te suscitarei idéas fortes e ousadas. Possue intimamente as cousas sobre que o teu espirito paira. São os dons da Terra que é tua.

"Corre o risco da morte, que é o premio da vida. Na alegria interior goza o eterno espectaculo. Sê insaciavel de belleza, de poder, de alegria, e faze da tua Nação uma imperecivel obra de Arte!"

Graça Aranha, poeta epico da Raça, Creador de Enthusiasmo!

Bravo !

RONALD DE CARVALHO

A estetica de Malazarte

MALAZARTE é a tortura violenta da imaginação insaciavel e inquieta, translucida ou opprimida, girando em torno da realidade que a atormenta e se esforça por decifrar. E' um conflicto permanente e fatal, em que a fantasia precisa dominar a contigencia e procura vencel-a pelo delirio, pela illusão, pela mentira da vida. Sem poder engrandecel-a, com o sentimento divino ou a conciencia do universo, o seu esforço está em superar as coisas efemeras e passageiras por uma idealidade falsa, transfigurando as apparencias em forças vitoriosas e sublimes. A magia é um deslumbramento e o espirito insatisfeito e audaz, fugindo á equação das realidades, se lança em busca da visão maravilhosa. Oh! o desengano. mas o desengano é ainda o excesso da imagiginação, a espuma que transborda do calice para se desfazer em bolhas de ar. Dep[illegible] a quéda, a dissolução do sonho, a separação, a dôr.

Graça Aranha arrancou do fundo da nossa alma popular a figura de Malazarte — esse demonio subtil como Mephistopheles, menos universitario e mais desabusado — e criou o symbolo da imaginação, em que justifica a unidade

pantheistica do Universo, no esboço da philosophia da "Esthetica da Vida" A imaginação ardente perturba a existencia humana e a transvia da unidade universal, a que tende pelo amor, para precipital-a na tragedia da separação, que procura a morte libertadora.

Malazarte é a Natureza, fonte de illusões e enganos, porque a propria côr é uma mentira da luz. Malazarte é sonho e ansia. Em seus olhos fusilam reflexos verdes de desejos, na sua bocca ha promessas deslumbrantes e capitosas, seu segredo é uma maravilha fascinante. O esplendor de todas as coisas!

A historia do urubú falador, que descobria thesoiros occultos, até dinheiro em moedas de ouro, revela o caracter de Malazarte — a mentira como solução commoda e trapaceira da vida. Mas a mentira de Malazarte não vingaria sem a ambição dos credores, o que mostra no desejo a primeira deformação da realidade. Ai dos que querem! terão sempre no alcançado o desengano da cubiça. Malazarte completa os que nelle crêm. Seduzindo ou ludibriando, o extranho demonio se funde com a victima para perdel-a irremediavelmente. Desperta esse mysterioso residuo das sensações, para exaltar o espirito numa magia perturbadora e allucinante, onde não ha repouso, mas decepção por fim.

Disse que Malazarte é a Natureza, porque nelle encontramos o permanente engano e a lei de sua constancia se esquiva na multipla e ruidosa variedade das fórmas passageiras. Malazarte é a Natureza do Brasil, sobretudo, fremente e viva, numa grandeza estonteante, subtil e malevola, agasalhando e ferindo, extasiando e maltratando. A miragem que desperta criou em nós um povo de exaltados e imaginosos, de idealismo violento mas nostalgico, que procura enganar-se com as coisas, quando é custoso dominal-as.

Malazarte é ainda um symbolo philosophico. A imaginação como força dissociativa na personalidade, afastando-a do Todo Infinito, em que Graça Aranha sente a solução universal. O seu alto engenho vê a imaginação como uma enorme gyrandola, que esclarece o céo com mil reflexos multicôres, mas o deixa embaciado depois por nuvens de espesso fumo. Estas seriam a separação, que é o terror, a angustia suprema da criatura, que só pelo amor, pela arte e pela philosophia se ha-de libertar, integrando o sêr na totalidade divina. A tragedia de Malazarte é a separação. **Tudo é separação e dôr** são as palavras derradeiras de Eduardo, depois que Dyonisia fugiu com Malazarte em busca do Palacio de Coral. Dyonisia presentiu que o sonho é bello e mata. **Mas o sonho é bello e a Natureza a vida eterna**. E, nessa fusão symbolica da Natureza com o elemento espiritual da fantasia, Malazarte surge como o demonio insaciavel do desejo, da aspiração, do sonho.

Oh! o Palacio de Coral scintillando na luz.

RENATO ALMEIDA

O psychologo da raça

nO desenvolvimento logico que segue a literatura nacional, firmando-se, personalisando-se, com multiplas correntes, com multiplas influencias, vieram aos poucos surgindo os verdadeiros interpretes do sentimento nacional, os escriptores genuinamente da terra e da raça.

Assim é que só depois do Romantismo se verificam as tentativas mais fortes, mais intemeratas e mais ouzadas. Gonçalves Dias, poeta fidalgo, poeta pintor, lirico robusto canta a sua terra com grande força emotiva e dedilha com uma correcteza classica, portuguezissima "As sextilhas de Sto. Antão" Alencar apega-se ao lirismo de Chanteaubriand — para compôr "Iracema", livro deveras interessante, mas onde treme e vacilla o cunho proprio, o cunho nacional.

A literatura mostra-se nessa lucta, onde se percebe a alma da terra gritando, implorando por um artista que a cante, que a compreenda. Mostra ainda mais a inquietação turturante do homem que não se apaziguou com a natureza, do homem que vive afastado della como seu inimigo. A civilisação, como "uma violencia imposta á Natureza", veio, entre nós, nos arroubos da conquista, de um módo unico, illogico, paradoxal.

E assim o homem para vencer a terra, para apasiguar-se com ella, tinha de luctar comsigo proprio, victima de um fatalismo historico que se tornou um fatalismo ethnico, no baralhamento inconsciente de tres raças diversas.

A terra gigantesca, barbara, uberrima engulia a diminuta população, tragava-a. E, para reagir contra essa perspectiva que Le Bon, sabio tartufo, de erudição suspeita, pregava como signal da morte do paiz e que Bagheot, sabio mais sensato, pedia que todos a meditassem, houve uma guerra surda, titanica, brutal da qual sahiram vencedor o homem e a raça. Do baralhamento inconsciente sahia um todo consciente, pensando do mesmo modo, sentindo do mesmo modo, aspirando do mesmo modo. E a alma creada já não era mais a alma do homem, nem tão pouco a alma da terra.

Era alma unica, a alma da terra e do homem, a alma brasileira.

*

A alma cidadina. a alma superflua dos centros de civilisação, a alma caracteristica da sociedade brasileira. a tona, a pelle da grande alma nacional, a alma superflua da alma, encontrou em Machado de Assim o seu psychologo.

O romantismo findará no exaggero egocentrico, no pieguismo exaltado da imaginação. Machado de Asis via, sentia, compreendia e criticava o seu meio, a vida de sua vida e as "viagens em volta de sua alma" eram viagens em volta da alma de uma sociedade.

Machado de Assis, era o Sterne brasileiro, o France brasileiro que, com um sorriso e com um "humour" imcomparavel, tirava a "maquillage" ridicula da sociedade enfatuada do Rio de Janeiro, que é a do paiz todo.

A terra bronca e selvagem, imponente nos seus quadros naturaes, sempre novos, na proteica manifestação da Natureza, pediu para si o genio impressionista de Euclydes da Cunha. "Os sertões" é a epopéa da terra. Nelle vislumbra-se, atravez das pincelladas vio-

lentas, a lucta do homem bronco, com a terra bronca: — o sertanejo contra o sertão; é a lucta da civilisação contra o barbarismo nativo.

Assim, Euclydes da Cunha mostra a formação da grande alma, da alma em lucta, da alma inconsciente e violenta. O seu livro é um retrato, o retrato feito por Monet.

A alma brasileira projectava-se então mais serena, mais harmoniosa, mais profunda. Machado de Assis, cheio de sarcasmo, exprimia apenas um modo do nosso sentir. Machado de Assis ria-se da camada civilisante. Euclydes da Cunha era o "outro modo", era o sentir aspero e brutal do sertão desconhecido; era o cerne da raça que se transplantava para dentro de um estudo cyclopico.

Era preciso um artista, mas um artista pensador, um artista philosopho que sentisse, compreendesse e tivesse a força potencial de exprimir toda a aspiração, todo o ideal, todo o sonho brasileiro; era preciso um artista que construhisse num bloco harmonioso e unico, a força creadora da raça.

Esse artista encontrei-o nas paginas do "Chanaan". E' o psychologo da raça. Graça Aranha!

O valor literario e artistico de Graça Aranha é de sobejo conhecido. "Chanaan" é uma celebridade. Quero, entretanto, fazer resaltar esta qualidade primordial de Graça Aranha: -- Foi elle quem, com mais arte, maior senso phylosophico, maior vigor estylistico, conseguiu exprimir, como é nas suas variadas manifestações — a alma brasileira.

"Chanaan" é um desabafo de alma, de uma grande alma, da alma de um povo. E' grito da dôr brasileira; é a turtura do seu genio; é o sonho de sua poesia.

O paiz enorme, de uma riqueza fantastica, mostra, por Graça Aranha, em certo fatalismo, em todas as coisas, a integração do homem com a Natureza, para a harmonia esthetica da vida.

"Chanaan" é o livro intimo, o caderno de desabafo, os versos interiores da alma brasileira. Ha qualquer coisa de indiano, ha qualquer coisa do mysticismo tragico dos "Ulpanishads", que vem do seio da nossa terra, da monstruosidade das nossas paisagens; e ha tambem um lirismo deslumbrante, um lirismo superior que vem, atravez dos seculos, do "Latio"

Graça Aranha é o dominio superior da latinidade; é o continuador artistico de uma civilisação. "Son art est la fleur d'une expérience et la quintessence d'une race", diz Camille Monclair, prefaciando "Malazarte"

Graça Aranha, revela uma unidade surpreendente em todas as suas obras, em todos os seus conceitos. Jovem ainda prefaciando o livro de Fausto Cardoso, diz o que diz hoje, na força maior de sua vida, da vida sentida e luctada.

A philosophia de Graça Aranha é a philosophia brasileira, porque mostra, paradoxalmente, grande elevação espiritualista, sonhadora e conclusões munisticas, materialistas, fataes. Graça Aranha vê a fatalidade da vida no turbilhão cosmico, vê como um Leibnitz e depois a transformar e, como um Nitszche, pede que se transforme todas as sensações em sensações d'arte. O autor de "Chanaan" vê sempre que "a tragedia fundamental da existencia está nas relações do espirito humano com o Universo"

Essa generalidade é, entretanto, uma formula da alma da raça, da alma brasileira.

Só agora é que tive a feliz opportunidade de ler "Malazarte", engenhosa peça em tres actos, onde numa elevação ibsenniana se abre toda a psychologia

da raça. Aquelle final é terrivel, é desolante. O individuo separado da Natureza, por incapacidade de transformar as sensações em sensações estheticas: — "Tout est séparation et douleur"! E porque? Porque "a inquietação é o fardo da vida do espirito. Nascido de um sonho de navegantes, o Brasil ficou para sempre enfeitiçado pela miragem"

Do "Chanaan", de "Malazarte", da "Esthetica da Vida", pode-se tirar esta conclusão veridica que elle, Graça Aranha tirou num bello artigo sobre "As raizes do idealismo — "Faminto, torturado, esmagado sob a tyrannia, lá vae o Brasileiro, caminhando extatico dentro da luz, escravo da miragem, mystico do idealismo.. "

Graça Aranha conhece, desse modo, todos os nossos segredos, todas as nossas afflições, todas as nossas turturas e a porção de idealismo que nos guia.

Taine explicou a incomparavel figura de La Fontaine, estudando a terra e o meio em que elle viveu. Erro das pretenções scientificas do sapientissimo seculo desenove! O terrivel La Fontaine sahiu assim, porque veiu ao mundo nas regiões ricas da Champagne, onde "la suavité rempli toute la plaine", em 1621!

Ora, a suavidade do clima de Chateau Thierry!

Como explicar Graça Aranha, sahido do Maranhão, vivendo depois na diplomacia, longe de terra?!

Isso não importa a mim. Importa-me a realidade que constato; importa-me verificar o que ha, de facto, para a gloria nossa: — o grande psychologo da raça.

MOTTA FILHO

Graça-Aranha e a critica européa

O francez — "aquelle senhor condecorado sentado ali naquella meza de restaurante e que está pedindo mais pão ao garçon e que não sabe geographia" — ignorou durante muito tempo as litteraturas estrangeiras.

Quando Louis XIV pediu ao conde de Cominges—embaixador de França em Londres — informações sobre os grandes homens inglezes, Cominges só soube citar um tal Miltonius célebre pelo seu fanatismo politico. Foi só, muito mais tarde, em pleno seculo XVIII, que a França descobriu a Inglaterra intellectual. Mais tarde, por causa do romantismo, a França ficou conhecendo a Allemanha e, se não fosse o visconde de Voguë e Th. de Wysewa, talvez os francezes ignorassem Tourgenieff, Tolstoï e Dostoiewsky, durante mais uns vinte annos. Haveria um estudo interessantissimo a escrever sobre a litteratura estrangeira em França.

Felizmente, hoje o francez já começa a mostrar um interesse maior pela litteratura exotica, como elles dizem. São raras as revistas que não trazem sua chronica estrangeira. Os editores lançam todos os dias traducções de livros estrangeiros. A França, enfim, descobrio a existencia das outras litteraturas contemporaneas. O francez, como todo poovo super-civilizado, procura sempre e antes de tudo a sensação nova. Quando Lugné-Poe "lançou" Ibsen em Paris, antes de acceitar o genio, o publico gostou da sensação nova, "étrange" do dramaturgo nortista. A consagração veio mais tarde.

Nós brasileiros eramos, até pouco tempo, de todos os póvos o mais desconhecido em França. Geograficamente, não se sabia bem se o Brasil era uma provincia argentina perto de Buenos-Ayres ou uma républica da America Central: o Brasil ficava "lá bas". Quanto á nossa litteratura, era um desastre. Se um brasileiro affirmasse que havia uma litteratura brasileira o francez, sempre educado, sorria. Ora, o sorriso, em litteratura é terrivel...

E' verdade que Machado de Assis foi traduzido, ha annos, mas, sejamos francos: o grande publico não o conhece. Apenas certos espi-

ritos universaes, como Anatole France, certos "touristes" como Paul Adam e Clemenceau, certos especialistas, como Ph. Lebesgue e V. Orban, leram e apreciam o maior genio da nossa litteratura. Esse mal nasceu com o absoluto regionalismo da nossa litteratura. Monteiro Lobato não foi o creador do regionalismo, pela simples razão de que nossa litteratura sempre foi regional, com uma excepção — Graça Aranha. O successo de **Chanaan** e **Malazarte**, na Europa, prova perfeitamente o que escrevo.

Joaquim Nabuco, uma das mais bellas intelligencias que tivemos, profundo conhecedor da mentalidade européa, comprehendeu a importancia, para nós brasileiros, da publicação de "**Chanaan**" e escreveu ao Garnier, felicitando-o por têr revelado Graça Aranha. Em 8 de outubro de 1904, Nabuco escreve a Machado de Assis para manifestar sua "certeza que d'ora em deante, elle, Graça Aranha, é quem mais pode fazer pelo brilho e nome das nossas lettras."

Nabuco viu tudo quanto **Chanaan** nos trazia de novo e de universal. Com uma perspicacia admiravel, elle soube vêr toda a philosophia, a "intelligencia infinita" a inspiração que ha em **Chanaan**, como em Goethe e Shelley. Nabuco, espirito universal, comprehendeu tudo isso e quando affirmou que seria elle quem mais poderia fazer pelo brilho das nossas lettras já previa a repercusão no estrangeiro.

Em 1910, appareceu em França **Chanaan**. O conde Prozor, o admiravel traductor de Ibsen, critico profundo, uma das personalidades mais em vista no mundo das lettras parisienses, prefaciando o livro, soube mostrar ao publico francez toda a alta significação e o profundo valor duma das obras mais notaveis da nossa litteratura. Vamos vêr agora qual foi a opinião da critica franceza, geralmente tão cheia de reticencias e fria com as obras alienigenas. Comecemos com um italiano, Gl. Ferrero, universalmente conhecido. Ferrero escreve no "**Figaro**", celebre pela sua critica litteraria, duas longas columnas. Como historiador, sociologo e pensador, Ferrero soube apontar o alto valor philosophico e social do romance. **Chanaan**, diz elle, não têm só um valor litterario, mas uma alta significação philosophica.

Paul Adam, — que só hoje depois da sua morte è que foi reconhecido pela França como uma das personalidades mais fortes que ella teve, — e que os brasileiros lêm porque escreveu um pessimo livro sobre nossas physionomias, "**Visages du Brésil**", consagra a **Chanaan** as suas duas columnas na "Vie litteraire" do "**Temps**". Nesse longo artigo, Paul Adam estuda minuciosamente o livro e considera-o uma das obras primas da litteratura moderna. Edmond Jaloux, o célebre romancista francez, na "Revue de Paris", estuda **Chanaan** e acha para resumil-o esta phrase admiravelmente justa: "ha em **Chanaan** uma symphonia e um poema."

No "**Monde Nouveau**", André Toledano, analysando a litteratura brasileira, diz: "**Chanaan marque une date dans l'histoire des lettres bresiliennes, la date la plus importante sans doute... Avant Chanaan, les romanciers brésiliens avaient sû décrire avec talent les moeurs et les paysages de leur terre, et leurs oeuvres offraient au lecteur europeen un réel interêt d'exotisme pittoresque; avec Graça Aranha, le roman brésilien s'élève a dessus d'un particularisme purement descriptif pour aborder en toute hardiesse un problème philosophique et social qui, par ses données mêmes, bien que restant très brésilien, dépasse le champ assez restreint de l'horizon national: celui de la transformation d'une nation sous l'influence de l'emigration étrangère et surtout allemande, ou, comme le dit l'auteur lui même, "la tragédie qui se passe dans l'âme d'un peuple quand il sent qu'il ne se dédoublera plus jusqu'à l'infini"; car á l'heure même ou la nationalité brésilienne prenait conscience d'elle-même, elle a senti toute la douleur de se voir condamnée à disparaître.**"

* * *

Pouco depois da consagração definitiva de **Chanaan**, em França, apparecia na Inglaterra a traducção ingleza do grande romance, prefaciado desta vez por Gl. Ferrero e trazendo na capa a phrase de Anatole France: **The great american novel.**

O successo foi igual ao que o romance teve em França. Em ambos os paizes, a critica soube vêr e apreciar a dualidade de Chanaan: a litteraria, a philosophica-social. Com esse exito, Graça Aranha passou para as fileiras dos escriptores, cujas obras não são lidas por um povo só, mas por toda a intellectualidade universal, por "**tout ce qui pense et lit.**"

Foi em 1911 que se representou em Paris, no **Theatre de l'Oeuvre**, Malazarte. E' bom lembrar aqui o papel importante que l'"Oeuvre" representava nessa epocha, na historia do drama em França. Foi desse theatro que sahiram as obras mais fortes, mais caracteristicas e que mais influenciaram o theatro francez. Foi l'"Oeuvre" que fez conhecer ao publico o grande Ibsen. Haveria uma historia a escrever sobre os theatros de Paris, nestes ultimos trinta annos. Nessa historia, l'"**Oeuvre**", le "**theatre Antoine**", le "**Vieux Colombier**" teriam os logares mais interessantes e mais salientes. O papel de Malazarte, papel culminante, foi desempenhado por um dos melhores actores que a França teve nestes ultimos tempos: de Max, da Comédie française, o admiravel

successor de Mounet-Sully. **Os outros foram** entregues a **Sephora Mossé** e a **Greta Prozor**, a extraordinaria interprete de Ibsen, uma das poucas mulheres genios que eu vi até hoje.

Malazarte foi discutido e em parte incomprehendido pelo "grande publico" Lendo-se o drama, entende-se perfeitamente que essa aglomeração denominada pelos especialistas de "publico", essa reunião de senhores gordos e calvos das galerias que escolhem o theatro como o melhor logar para fazer, bem sentados, laboriosa digestão, não tivesse **sentido** Malzarte. Malzarte é um drama philosophico, para a élite. Essa èlite composta, de homens como Prozor, H. de Regnier, Adolphe Brisson, Boutroux, Pierre Mille, Gelouoteff e outros, acceitou desde a primeira representação, o grande drama.

A verdadeira critica de Malzarte appareceu depois da publicação do drama em volume prefaciado pelo maior critico francez contemporaneo, Camille Mauclair.

Henri de Regnier faz no folhetim do **"Journal des débats"** uma longa analyse de Malzarte, explicando o symbolismo da peça. Camille Bruno, na **Revue de l'Amerique latine**, fallando do symbolismo no Brasil, á propostio de Malzarte, diz: "uns dos seus melhores escriptores acaba de obrigar (o Brasil) a acceitar o symbolismo (dramatico) pela magia de um canto dialogado, brilhante e louco como uma comedia de Shakespeare, fantazista e "tendre" como um proverbio de Musset, pensativo e triste como um drama de Maeterlinck"

Lugné Poe no "Eclair" diz: **De cette pièce, originale par son sujet et par la façon dont elle est traitée, se dégage un très beau talent, La piéce realisée d'une façon étonnante possède un charme particulier par les légendes qu'elle rappelle, l'eloquence dont elle est remplie et la sincérité, la foi qui ne cessent de l'animer."**

O **"New-York Herald"** diz: **"Le theatre de l'Oeuvre a donné l'occasion aux parisiens d'applaudir une des pièces les plus caracteristiques du brilhant génie de Graça Aranha. Mais comme pour toutes les oeuvres ou la perfection litteraire le dispute à la puissance de la pensée il est agréable de lire la pièce qu'on a vue représenter pour la soumettre au second jugement, le meilleur, celui qui est soustrait à l'ambiance particulière du spectacle."** Segue uma longa analyse do drama e o auctor do artigo termina nestes termos: **"l'abondance, la puissante poesie de cette oeuvre symbolique donnera à ceux même que ne participent pas à cette pensée, et qui croient que la joie inconsciente est sans valeur, le plaisir de suivre, par les images séduisantes, une pensée claire dans son plein développement dramatique. Les répliques semblent les clefs d'or d'innombrables reverîes. Malazarte est une féerie aux multiples enchantements. Comme le dit M. Camille Mauclair dans sa préface "c'est la fleur d'une expérience et la quintesence d'une race."**

Francisco de Miomandre, o grande escriptor francez, no **"Excelsior"** escreve um longo artigo sobre a personalidade de Graça Aranha e sua obra, salientando a belleza poetica de "Malzarte" e J. Charpent er adianta: **je ne saurais dire à quel point l'admirable Malzarte m'a interessè et c'est très sincerement que je le considére comme un chef-d'oeuvre.**

Depois de "Malazarte" Graça Aranha escreveu a **"Esthetica da Vida"**, onde o grande pensador reuniu toda a sua philosophia e que appareceu no Brasil em 1921. "A parte philosophica desse livro", annuncia o New-York Herald, edição parisiense, de 14 de julho de 1921, "será publicada na "Revista de Paris", a parte metaphysica do Brasil na "Revista de Genebra", e a parte critica final no "Monde Nouveau".

* * *

Além de todas essas criticas recebeu Graça Aranha uma manifestação que a intellectualidade franceza só reserva aos grandes homens das lettras estrangeiras: foi recebido no grande amphytheatro da Sorbonne, perante uma assistencia de mais de trez mil pessoas. Graça Aranha não foi recebido em Sorbonne como diplomata amigo da França, mas sim como litterato. Saudou-o Ed. Rostand, em prosa, e não em versos, como costumava fazer, com a verve que lhe trouxe tantos admiradores e bastante dinheiro.

Bergson, felicitando Graça Aranha, a proposito de sua commenda da Legião de Honra, diz: **"jamais distinction ne fut mieux méritée, ella va au représentant par excellence de la pensée brésilienne dont j'aprécie pour ma part hautement le talent et les travaux."**

Como se vê, por este breve apanhado da critica européa, sobre a obra de Graça Aranha, o grande pensador brasileiro sabia, rompendo a triste norma de nossos escriptores, fóra do nosso horizonte para brilhar em outros paizes. Graça Aranha foi o primeiro escriptor brasileiro que nos trouxe, enriquecendo-nos, o pensamento, a philosophia, a ansia metaphysica no romance. Elle nos livrou enfim dos eternos themas regionaes, estreitos e vazios como a moringa nacional. A litteratura brasileira chegou a um ponto em que ella não póde mais continuar a cantar lyricamente como o sabiá e descrever com exclamações e reticencias. Nesta terra onde toda gente canta em versos as nossas palmeiras, é preciso pensar um pouco, porque todas as litteraturas verdadeiramente grandes foram construidas pelos pensadores profundos.

RUBENS DE MORAES

Assim Elle compõe

O esculptor Jean Magrou acha que elle tem um perfil de Cesar romano.

Mas nos seus olhos revoam os sonhos millenarios do Celta.

*

Pariz. Fevereiro.

Semi-luz de desanimo. Cinzas do céu sobre as cinzas de Pariz. Ha cinzas tambem no ar. E o coração se aperta e o espirito fraqueia, esmorecido.

Sentados, frente a frente, elle lê. — O ultimo capitulo escripto. — O Amor. Um sopro brando, bem brando, mas possante, imperioso, omnipotente, vindo do mysterio de nós mesmos, — uma doce violencia. Uma tristissima alegria. Um tormento aniquilante, — (e tão bom), que queima, torce, fere, dilacera, — e acaricia. Subitas rajadas de esperança, em que o céu se rasga, mostrando a luz eterna. Um temor de creança, um orgulho de victoria, uma indizivel expansão emocional, — dissolução de morte e incendio de vida. Prazer e tortura. O Amor!

Corre-me um calafrio, e quando nos olhamos, vemo-nos atravez um vidro fosco de lagrymas.

*

Maio.

A luz, poeira resplandescente, intensifica as vibrações das côres. E tudo tem vida.

Na janella, enquadram-se, lá em baixo, uma perspectiva do Louvre, as Tulerias geometricas e o Sena.

Quando entrei, elle estava bebendo á saccada a maré primaveril sobre as pedras illustres.

E não falamos.

A luz derrama-se, espraia-se, canta, — soberana.

(Elle anda para lá, para cá.)

— Quer escrever? — Eu dicto.

"A fremente energia que faz e refaz o mundo. "

A voz bateu-me aqui. Meu sangue galopa. O peito se me dilata e elevome todo. Agora vejo tudo melhor.. E vou além, além, nas azas delle. Elle fala. — Ou canta? — Já deixei a terra e lá de cima como tudo é bello e grande e harmonioso!

Arrebata-me o rythmo eterno. Eu mesmo sou rythmo

Eu? — Que é o **eu?** — Não ha mais eu.

(Escrevo machinalmente.)

Um oceano me leva, em que me afundo, me perco, me dissolvo. Subleva-me uma emoção infinita, extatica.

A voz parou.

E fica como um despertar de chloroformio, em que tudo é vaporoso, incerto, immenso e impalpavel. Um resto de vertigem.

O sol entra e ri na sala silenciosa.

*

O verão já se annuncia pelas trombetas do sol. O volume está quasi prompto.

Já nasceu, tomou fórma e poliu-se a obra philosophica. Mas qual será a sua applicação na nossa terra?

De longe, de tão longe, vem a visão do mundo brasileiro. E o seu esplendor formal, resplandescente da luz victoriosa, além dos mares, impõe-se e impera, — e lhe segue a saudade. Alli se conjugam as forças de uma grande nação.

Fundem-se o optimismo innato no destino da raça, a magia do espectaculo grandioso, o poder synthetico do seu pensamento. E o Brasil, sua natureza e sua gente incorporam-se á obra.

— Este livro já não é de hoje. E' de amanhã. Os velhos não o comprehenderão de todo, seguramente; — mas que importam os velhos? São os jovens que elle alveja, a elles se dirige como um grito do Futuro.

De lá, da Cidade já exhausta de tantas glorias, o Mestre procura ouvir bater o coração do Brasil vindouro e palpitar a sua ancia de pensar. De longe, de tão longe.

— Assim nascia a ESTHETICA DA VIDA.

Rio, Novembro de 1922.

LUIZ ANNIBAL FALCÃO

MORMAÇO

(Para GRAÇA ARANHA)

Calor. E as ventarolas das palmeiras,
e os leques das bananeiras
abanam devagar,
inutilmente, na luz perpendicular.
Todas as cousas são mais reaes, são mais humanas:
não ha borboletas azues nem rôlas lyricas.
Apenas as tatouranas
escorrem, quasi liquidas,
na relva que estala como um esmalte;
e, longe, uma ultima romantica
— uma araponga metallica — bate
o bico de bronze na atmosphera tympanica.

GUILHERME DE ALMEIDA

NOEL

Pour GRAÇA ARANHA

Tout seul
Et le Seigneur est né
en ce jour de paix et de douceur
Le Seigneur est né à la vie
et je renais à la souffrance
presque sereine
la souffrance mûrie
au soleil de mes déboires

Noël !
J'ai aussi ma vache et mon âne
ma bourse vide
et ma solitude
Bah! rions en choeur voulez-vous?
L'écho fera le choeur
et moi le soliste
au centre de mes quatre murs
Et je rirai si fort et si longtemps
que l'on croira vraiment à ma gaîté

Noël !
Le Seigneur est né
en ce jour de paix et de douceur...

O pays de Judée où nacquit le Sauveur (qui, entre nous, ne sauva personne!), l'agneau sans tache, le faiseur de miracles (un faiseur!-, le poète au verbe facile); ô pays de Judée dans la nuit des rois mages! Je t'évoque, ô pays de Salomé et de Saint Jean Baptiste! Et j'irais volontiers vers toi comme les rois badauds si j'avais une bonne étoile. Mais je n'en ai qu'une bien maigre et bien triste. C'est une étoile de café-concert...

Tout seul
Et tous les abandons
J'écrirais volontiers une tragédie
avec un cinquième acte bien rempli
de suicides et de trahisons
passions
oraisons
pamoisons
et beaucoup d'autres réflexions...

Shéhérazade! Olympia! Les dieux sont morts, ils ne peuvent plus avoir soif... Moi seul ai soif... soif de bonheur, d'argent, d'amour, et plus encore,

une grande soif, une immense soif, soif... soif.. soif de quoi? Je n'en sais rien. J'ai soif! L'alcool tue! Songeons à l'avenir de la race...

Jesus a dit
Laissez venir à moi les petits enfants
Mais Seigneur il y a en moi un petit enfant
les poètes sont des enfants
ils jouent avec des mots
ils jouent avec des images
ils jouent avec leur coeur aussi
un joujou de riche...
Pourquoi donc n'en voulez-vous pas
de ces enfants-là?
Je sais bien hélas
que vous n'êtes pas
un asyle pour enfants trouvés...

Que d'amertume! Amère, amère, plus encore qu'un amer-picon quand il n'y a pas de diner au bout, cette farce! Et tout est farce! La vie, l'âme, "les sentiments"... Je mens J'ignore tant de choses! Je ne sais pas. Je ne connais qu'un paysage, là-bas, tout blanc, tout frais, où il y a des arbres de Noël, et des rires clairs de femmes en jerseys, et des maisonnettes pacifiques, et une gare toute petite, si petite qu'elle n'a pas la force d'arrêter tous les trains, et un labeau de joie dorée pendu à une fenêtre comme un drapeau... Je ne connais qu'un paysage mais beaucoup d'autres paysages me connaissent parce que je les ai croisés en passant...

Noël !
Jésus est né !

Serge MILLIET

Poema Abulico

A GRAÇA ARANHA

Imobilidade aos solavancos.
Mário, paga os 200 réis!

Ondas de automóveis
árvores
jardins.
As maretas das calçadas vêm brincar a meus pés.
E os vagalhões dos edifícios ao largo.
Viajo no sulco das ondas
ondulantemente.

Sinto-me entre mim e a Terra exterior.
TERRA SUBCONSCIENTE DE NINGUEM
Mas não passa ano sem guerra!
Nem mês sem revoluções!
Os jornaleiros fascistas invadem o bonde, impondo-me a leitura dos jornais.
Mussolini falou.
Os delegados internacionais chegaram a Lausane.

Ironias involuntárias!

Esta mulher terá sorrisos talvez.
Pouca atracção das mulheres sérias!
Sei duma criança que é um Politeama de convites, de atracções.

As brisas colorem-me os lábios com as rosas do Anhangabaú.
Sol pálido chauffeur japonês atarracado como um boxista.
Luz e fôrça!
Light & Power
Eu sou o poeta das viagens de bonde!
Explorador em busca de aventuras urbanas!
Cendrars viajou o universo vendo a dansa das paisagens.
Viagei em todos os bondes de Paulicéa!
Mas em vez da dansa das paisagens,
contei uma por uma todas rosas paulistanas
e penetrei o segrêdo das casas baixas!

Oh! quartos de dormir!.
Oh! alcovas escuras e sáias brancas de morim!.
Conheço todos os enfeites das salas de visitas!
Almofadas do gato preto;
lustres floridos em papel de seda.
Tenho a erudição das toalhas crespas de crochê, sobre
o marmore das mesinhas e no recôsto dos sofás!
Sei de cór milhares de litografias e oliogravuras!
Desdémona dorme muito branca
Otelo, de joelhos, junto ao leito, põe a mão no coração.
Have you pray'd to-night, Desdemona?

15

E os bibelôs gémeos sobre os pianos!
A moça está de azul
Ele de cor de rosa.
Valsas lánguidas de minha meninice!

Em seguida: Invasão dos Estados Unidos.
Shimmyficação universal!
O fox-trott é a verdadeira música!
Mas Liszt ainda atrái paladares burgueses.
Polónias interminavelmente escravizadas!
Paderewski desiludiu-se do patriotismo e voltou aos aplausos internacionais.
Como D'Annunzio.
Como Clemenceau.
Os homens que foram reis hão de sempre acabar fazendo conferéncias?!.
Mas para mim os mais infelizes do mundo
são os que nascem duvidando si são turcos ou gregos.
franceses ou alemães?
Nem se sabe a quem pertence a ilha de Martim Garcia!.
HISTORIA UNIVERSAL EM PEQUENAS SENSAÇÕES
Terras-de-Ninguem!. .
.como as mulheres no regime bolshevista.
No entanto meus braços com desejo de pêso de corpos.
Um tôrso grácil, ágil, musculoso.
Um tôrso moreno, brasil.
Exalação de seios ardentes.
Nuca roliça, rorada de suor
Uns lábios uns lábios preguiçosos esquecidos n'um beijo
de amor.
Crepito.
E uma febre.
Meus braços se agitam.
Meus olhos procuram de amor.
Sensualidade sem motivo.
E' o olor óleo das magnólias no ar voluptuosos desta rua.

Dezembro — 1922.

MARIO DE ANDRADE.

Atmósfera

(Del libro HÉLICES.)

nubes gimnásticas
sobre el trapecio atmosférico
En las arterias pleonéxicas
fluyen los glóbulos fabriles

ESTAMPA DEL SIGLO XX

Absorto ante un fascitol
yo admiro el lirismo del voltámetro

FOCOS IMPULSOS

La pleamar multitudinaria
abraza con sus tentáculos
la vida sádica
Entre la fronda de los dinamos
se forjan los espasmos
hiperespaciales

En las avenidas múltiples
aflora la rosa tentacular

Con la brújula del sol en mi mano
descubro trayectorias immaculadas
Eva Porvenirista
formada de copos atmosféricos
En sus mejillas siderales
yo vendimio los besos del horario
Y del horizonte dinámico
cae la poma plenisolar

GUILLERMO DE TORRE.

(Madrid.)

PAZ UNIVERSAL

A GRAÇA ARANHA

alegria!
Só no meu paiz a terra ainda é vermelha.
Esforço para germinar,
ou para supportar o peso dos homens.

Não ha mais sangue sobre o mundo.
Elle está todo branco,
lymphatico,
côr de cidade, côr de riso.

Alegria!

Os povos,
as grandes ruas illuminadas,
e os homens felizes,
esquecidos das trincheiras,
afastados da dôr,
amputados da dôr.

O passado perdeu-se,
e não conhece mais os caminhos,
os caminhos das almas.

E ninguem sabe que nesta hora,
em toda a parte ha pessôas que agonizam,
e ha velas que se esvasiam
e ha corpos ainda quentes sob a terra fria.

ALEGRIA! ALEGRIA!

A vida vae na frente de cada homem,
como uma espada polida
que elles vão brandindo.

ALEGRIA!

PAZ UNIVERSAL!

Nunca houve tanta guerra,
tanta lucta entre os homens!

Lucta amarga para viver,
lucta ardente para amar,
lucta dolorosa para sorrir.

ALEGRIA!

PAZ UNIVERSAL!

CARLOS ALBERTO DE ARAUJO.

PROJECTOS

A GRAÇA ARANHA

de manhã:
Tenho convite para o baile
Casaca
Decote
Orchestra phantastica frenetica
Lindas mulheres.
VOU.

A' noite
Conferencia sobre os Eleatas
No correio cintas para KLAXON
35-36-37-38-39.
Dentro das grades a moça da folhinha não se cança de cheirar a rosa

19

MAIO

12

A pendula lo relogio marca passo eternamente
O guichet de madeira
Guilhotina
Decapitado como na figura de Changall
A lua cheia de pó de arroz
Espaduas nuas
Prompta para o baile
Rua 15 de Novembro de 1889
Que mulher linda!
Passa deixando um sulco de perfume
O asphalto de louça reflecte as pernas das costureirinhas
E das dactylographas
Meu coração dactylographa impressões

Meu corpo é um mastro de sombra tombado
A cordoalha dos meus braços
Teus selos são proas
Cabelleira desnastrada bandeira de navio
Quadro naufragio de projectos
Minha alma braceja
Cinematographo de sombras
A bengala de Carlito é a batuta que reje a symphonia moderna

No café mezas desoccupadas
Esfrega o zinco do balcão
CHA' CHOCOLATE LEITE
Jornaes do Rio
200 reis para falar ao telephone
3 AVENIDA
E' tudo quanto fiz aquelle dia

MORAL: Eu nunca poderia escrever "PALUDES"

LUIS ARANHA

A EXTRAORDINARIA HISTORIA DA MULHER QUE SE TORNOU INFINITA.

O casamento de Adoasto com d. Brazilizia foi commentadissimo. Sobre a felicidade e o futuro do casal, corriam prognosticos os mais desencontrados possiveis. O escrivão Proença, por exemplo, ponderava que a differença de idade entre marido e mulher constituia seguro indicio de bemaventurança eterna. E rematava dogmaticamente: "a mulher deve ser sempre mais moça que o homem". Em attitude diametralmente opposta, plantava-se Alberico, o caixeiro, homem que lia e treslia com facilidade. Para Alberico só o facto de ser o esposo mais velho 15 annos que a esposa, deixava aquelle em situação melindrosissima. Imaginem, dissertava o sabio, quando Ella tiver os seus trinta anos, a idade perigosa das mulheres, Elle já estará exgotadissimo, mórre não mórre. E o que acontecerá depois.. só Deus sabe! Aos que não estavam dispostos a acceitar os seus vaticinios, o caixeiro arremessava sem hesitação o tremendissimo Balzac e a sua Mulher dos Trinta Annos. Os outros, ante tanta massa, ficavam atordoados e gaguejavam escapatorias.

Mas, que é a opinião dos homens, miseraveis formigas a roer o marmore branco do misterio, comparada com a sabedoria muda e ironica do Destino ?

D. Brazilizia era bonitinha, bem feitinha, cheia de pequenas linhas curvas, por onde toda a graça inquieta do seu corpo escorria encantadoramente. Isto foi a perdição de Adoasto. Casada, d. Brazilizia deu de engordar. A principio como que fazendo cerimonia, estufando um pouco o rosto, as pernas e toda a região consileravel que vae desde o diaphragma até a fossa illiaca. D. Brazilizia, tomada de vergonha, quiz disfarçar aquelle augmento inesperado do seu physico e começou alargando os vestidos do enxoval, desamarrando os sapatos, remendando as meias, que cediam ante a inopinada invasão da gordura. Descuidado, Adoasto olhava para aquella distensão organica como quem olha para um divertimento publico: sorria. Chegava a achar graça nas velleidades economicas da esposa, a aproveitar os minguados vestidos que trouxera. Com o tempo, entretanto, d. Brazilizia deixou de lado as cerimonias e principiou a distender-se á vontade e a comprar novo stock de roupas, o que motivou certa apprehensão ao desprevinido espirito de Adoasto. O terrivel era que o engordar de d. Brazilizia não obedecia a nenhuma previsão scientifica. Si fosse uma evolução lenta, pausada, acompanhando, **pari passu** o deteriorar normal da indumentaria, tudo iria muito bem. Ao contrario: era uma gordura frenetica, desenfreada, gallopante. Os gastos augmentavam assustadoramente com a compra de materia prima para abastecer o pudor nascente das novas carnes de d. Brazilizia. Adoasto chegou a pedir á esposa que comprasse os seus vestidos um pouco mais folgados do que que os de costume, para previnir, dizia elle, para o que dér e vier. Retorquia-lhe a esposa, desdenhosa: então, você pensa que vou apparecer mais gorda do que na realidade sou ? Desta você está livre !

Os gastos, entretanto, não era o que affligia Adoasto. O que lhe causava a mais desoladora melancolia era ver o seu amor diminuir á medida que a sua esposa augmentava. Seu amor estava na razão inversa da massa de d. Brazilizia. Quando Adoasto, por exemplo dizia: "a minha cara metade", esta expressão perdia qualquer cunho metaphorico, para exprimir com exactidão a ver-

dade núa e crúa; dizendo "cara metade", Adoasto referia-se ao corpo primitivo da esposa, o qual, bem contra a vontade dos conjuges, duplicára de pezo e de volume.

Na casa, já havia certo mal estar. Tudo parecia pequeno, acanhado para d. Brazilizia. E como o seu organismo ainda continuasse naquella desastrosa distensão organica, deu de reclamar o exiguo espaço occupado pelo marido. E Adoasto, conciliador e prudente, ante aquella obstinada reivindicação de espaço que lhe fazia a mulher, começou a ceder, com incrivel resignação, o pequeno logar que o Creador lhe destinára no mundo: entrou a emmagrecer, a diminuir-se, a apagar-se... Não parou ahi a tragedia gordurosa. D. Brazilizia triplicou-se, quadruplicou-se. Foi quando Adoastro se alarmou sériamente. O seu amor não podia alcançar mais aquella distancia, pois o que amára na mulher não passava agora de infima fracção, que, diga-se de passagem, não era impropria...

Consultando um amigo medico, este, entre jocoso e sério, retrucou-lhe: o unico remedio que entrevejo, é uma operação. Operação mathematica, bem entendido: extraia a sua raiz quadrada... Dolorosa ironia! Desde então Adoasto, ensimesmou-se na terrivel clausula do seu Eu. Nada de confidencias. Atraz destas, veem sempre os remoques e os sorrisos tortos da piedade. Deliberou solucionar por si proprio o caso. E afundou-se desordenadamente em estudos mathematicos, biologicos, physicos e metaphysicos. Leu, de um folego, a obra de Blaringhem: "Les transformations brusques des êtres vivants". A seguir, o calculo infinitesimal de Newton e as "Dores do Mundo", de Schopenhauer. Obras de Spinoza, Leibnitz, Hartman e, de mistura, um volume vermelho de vulgarização scientifica. Neste ultimo, topou com uma affirmação transcendente: "O que para os antigos physicos, parecia caracterizar a materia era a massa, um coefficiente constante, absoluto. Não assim, ante as novas conquistas da sciencia. A massa, esse ultimo reducto da substancia, varia, é uma funcção da velocidade; a materia não existe: é apenas modalidade de transitoria da energia, unica realidade tangivel e irreductivel". Neste ponto, não se conteve e desatou em gargalhadas polyphonicas, em que havia prodigiosos sarcasmos.

Dahi para a Theosopia e a Metapsychica não foi senão um passo. — O mundo é minha representação, monologava o afflicto sujeito. Aquella condensação excessiva de atomos, porque não poderei reduzil-a, pela applicação diuturna de minha energia espiritual inconsciente?

E em casa, frente a frente com d. Brazilizia, o seu deformado sonho de amor, encarava-a fixo, o olhar vidrado, indice de tremendas concentrações infra e ultra psychicas. Era o prenuncio da loucura proxima. A mulher, inquieta, refugiava-se nos vizinhos pacatos e todos accendiam velas, que ardiam unanimemente deante de santos barbudos, de massa, que ameaçavam milagres.

A endocrinologia offereceu-lhe margens para profundas inferencias praticas. O meu mal, suspirava, está naquela miseravel glandula tyroide. Ah! Ah! Ah! Ele queria dizer "extrair a tyroide" e disse "raiz quadrada". Falava por metaphoras, o demonio. Ah! Ah! Ah!

Neste estado de espirito, Adoasto, sombra humana á força de ceder espaço á esposa, entrou, cheio de intenções cirurgicas, no seu desventurado lar. Encontrou d. Brazilizia estendida num divan, a cintura apertadissima, a dividir-lhe o corpo em duas rotundissimas metades. Contemplando-a, Adoasto teve a impressão de ver um 8 deitado, symbolo do infinito mathematico. Assustado, tremendo, delirante, sahiu a correu pelas ruas, gritando: "Soccorro! Soccorro! Acudam! que a minha mulher ficou infinita". Tinha perdido irremediavelmente o juizo.

Quanto á d. Brazilizia, chorou duas lagrimas gordas e esparramou-se de uma vez, afim de preencher piedosamente o vacuo que o marido abrira no lar domestico.

A. C. COUTO DE BARROS.

22

LA POÉSIE MODERNE A-T-ELLE BESOIN D'UNE NOUVELLE TECHNIQUE?

VOILA une question que je me suis posée maintes fois. Longtemps sans la résoudre.

Il semble sans vouloir se perdre dans la nuit des temps que toute grande époque littéraire a apporté una technique neuve.

Le romantisme a apporte la sienne, et le symbolisme nous a donné le vers-libre.

Notre génération ne fera-t-elle que reproduire ces anciennes formes ?

N'apportera-t-elle rien à son tour ?

Se contentera-t-elle d'employer le vers de la tragédie classique (dont elle a perdu le sens secret et qu'elle ne pourra plus réaliser dans sa forme vivante pour toutes sortes de raisons psychologiques, sociales, etc.) ; se résoudra-t-elle à se servir de l'ancien vers blanc! Si cela était, la faillite de notre génération serait complète.

Mais je ne crois pas qu'elle se résigne au néant. De tous côtés il y a une lassitude visuelle et auditive dans l'emploi des formes tombées dans le domaine public. Un désir d'autre chose, ailleurs que dans les réalisations d'un lyrisme uniplan et monodique, dont l'usage appelle forcément les réminiscences.

C'est pourquoi, et nos recherches n'engagent personne autre que moi, je me suis orienté, depuis longtemps déja, vers un renouvellement, un agrandissement de la prosodie française. C'est ce que j'ai nommé le **Poème synoptique sur plusieurs plans.**

Pourquoi ai-je quitté le vers-libre qui se trouvait être en si parfaite correspondance avec la sensibilité musicale des symbolistes? C'est parce qu'il me parut insuffisant pour rendre le synchronisme des images, des couleurs, des sons, des idées, de toutes les forces différenciées ou concomitantes qui se heurtent ou s'allient dans l'individu ou autour de lui.

D'aucuns diront: Le ver-libre, un si souple instrument, si nuancé !..

Oui, parfait pour le lyrisme uniplan et monodique. Mais un violon n'est pas un orgue. Même au solo d'un virtuose, je préfère l'intensité d'un grand orchestre moderne développant au paroxysme toutes les possibilités acoustiques.

De plus, le vers-libre me semble correspondre à une sensibilité qui déja n'est plus la nôtre. Il est purement musical, crée pour l'oreille seule. Alors que notre génération (la génération du Cinéma) est devenue presque exclusivement **visuelle.** Et le Cinéma lui aussi travaille synoptiquement sur plusieurs plans.

Le vers-libre par son asymétrie, pour avoir méconnu pourrait-on dire la "physique de la plastique" semble périmé pour noutre génération, au même titre que l'impressionnisme en peinture, le debussysme en musique, la sculpture de Rodin. (Cette constatation, qu'on le sache bien, n'est pas un dénigrement de ces formes d'art; je dis seulement que pour nous ce stade est dépassé).

Nous n'avons pas assisté pour rien à da période d'analyse, de revalorisation, puis de construction du cubisme.

Aujourd'hui on constate ce que cette école picturale, que certains critiques, mal informés en 1911, jugeaient ne devoir être qu'une entreprise de démolition anarchique, une sorte de nihilisme artistique, a apporté d'ordre, de clarté, d'équilibre dans l'élaboration de nouvelles échelles de valeurs.

Et déja quelques initiés constatent dans ce domaine l'apport personnel considérable d'un Albert Gleizes, qui parti de ce mouvement s'oriente vers un créationnisme pur, délivre de toute idée de reproduction.

Construction et non improvisation. Un poème, un tableau, une statue, ce n'est pas "une chose comme ça" Un moteur qui marche n'est pas un assemblage au petit bonheur. Pour qu'il y ait "rendement", pour éviter les "ratés", il faut une mise au point.

Nécessité de l'ajustage, nécessité d'une science de la composition, nécessité d'une technique d'exécution.

Tout constructeur d'avions possède une technique. Mais ce n'est pas celle de l'ancien carrossier.

C'est pourquoi par un désir resté fervent d'atteindre à un équilibre parfait, fond et forme, je dirigeai mes recherches vers un ordre lyrique en

rapport avec les lois organiques universelles et orienté vers l'unité.

Le poème même déformé, même volontairement crée pour "rebuter l'intelligence" ne me parut point capable de rendre la multiplicité des synchronismes d'aujourdd'hui.

Et souvent je pensai: La poésie trouvera-t-elle son ordre nouveau, comme sa soeur déja plus évoluée la peinture ? La nature n'est pas un chaos (symétrie, métamérisatisme, etc.) Il y a une logique dans le monde, même si elle nous échappe. Mon oeil ne saisit pas les rayons ultra-violets. Ils existent cependant. Il y a un équilibre (alternances, recommencements, etc...) malgré le déséquilibre apparent. L'oeuvre d'art révèle toujours une hiérarchie de valeurs, une connaissance approfondie des Nombres. Créer en dehors de ces vérités n'est pas crér. Il y a des lois qui demeurent.

Ce sont ces lois organisatrices internes que je m'efforçai de rechercher non dans les leçons de l'Académisme, non dans les nécropoles même fleuries, mais dans la confrontaiton et dans la concordance des lois de mon individu avec les grandes lois qui régissent le monde.

Après une longue période d'analyse, à la lampe rouge du Laboratoire, j'essayai un lyrisme trilatéral. Polytypique. Dès mes premiers essais j'eus l'intuition très nette d'une technique nouvelle, aux ressources infinies; j'avais trouvé comme on voulut bien l'écrire depuis: "La poésie du chiffre plastique qui régit l'univers".

Balzac avait déjà dit: "Trois est la formule des mondes-créés".

Pourquoi plus spécialement trois plans, et non 4, 5, 6, 7, etc.?

Nécessité de bornes rationnelles. Une vérité: la simplification.

Plus les rouages d'un instrument perfectionné sont complexes moins il a de chances de marcher. Cette logique sera comprise. Mais j'ai dit: instrument perfectionné.

Ma technique manifeste ce nombre créateur, non seulement dans la forme extérieure du poème, mais ausi dans sa réalisation ésotérique.

Avec ses correspondances: plan physique, plan intellectuel, plan de l'intuition. Conscient, inconscient subconscient. Pour l'expression de la vie totale, à la fois sensuelle, sentimentale, mentale. De là son architecture triple et une, semblable aux trois faces adjacentes d'un trièdre. Servant à reconstituer l'unité mentale, comme un point de l'espace se définit par l'attribution d'une valeur numérique à trois axes rectangulaires.

L'équilibre des poèmes est réalisé selon une symétrie faite de la coopération d'éléments quantitatifs et qualitatifs. Class ment par suggestion. Association des formes. Synchronisme visuel. Polysons, Schématisation. Avec le rythme pour lien unificateur.

Les trois éléments qualitatifs participant aux trois places du poème sont:

1.o Valeurs psychiques (ou d'inspiration)

2.o Eléments rythmiques

3.o Eléments d'expression, d'évocation, de suggestion.

Trois éléments quantitatifs concourent à son organisation matérielle:

1.o Symètrie formelle par équilibre des plans. (
(
2.o Groupement et choix des mots (
par analogies (sons
(timbres
(couleurs

3.o Nombres.

Cette forme inédite se prête à exprimer autre chose que les périphrases d'un lyrisme chétif et conventiónnel. Vie des mots. Vie psychique des mots. Sens émotif. Possibilités acoustiques.

Record d'altitude, (Influence du machinisme en musique: bruiteurs) accusant soit des différences soit des parentés. Phénomènes concomitante.

Netteté des lignes. Opposition à l'impressionnisme symboliste. au désordre romantique (flux verbal). Mentalité mécanicienne et précise, succédant à l'impropriété des termes (dogme verlainien).

Synoptisme demande schématisation. Non développement, amas, engagement. Tendance à l'idéographie.

"Le poète parle et écrit pour l'oreille" disaient les symbolistes. En 1912. Henri Martin-Barzur, le créateur du simultanéisme, se plaçant sous la protection de Polhymnie, la Muse aux chants nombreux, souhaitait le remplacement du livre par le phonographe, etc...

Aux antipodes est ma technique.

La dénommination seule de **Poème Synoptique** vaut tout un exposé.

J'ai dit synoptique. Définition du dictionnaire: "Qui peut être saisi d'un même coup d'oeil dans les diverses parties de son ensemble."

Voir tout à la fois. L'oeil, le plus perfectionné de nos sens, on comprend l'importance que je lui accorde.

Nicolas BEAUDUIN

REVIVESCENCES

LA neige m'évoquait tout à l'heure la douc laine blanche de tel vêtement d'enfance. Mais ne voici pas que l'évocation se précise?

Nous renaissons dans nos enfants. Réminiscences, réviviscences. C'est notre enfance qui se refait chair. Et voici que nos impressions du premier âge, celles-là même qui étaient le plus loin oubliées, ressuscitent dans un geste, un mot, une attitude du petit être qui nous répète. Innocence de cette imitation qui s'ignore et où se révèle une des lois obscures et profondes de la vie. Emoi de rencontrer ce fantôme de nous-mêmes, et de le voir si vivant, si présent, que nous croyons être encore lui; son geste qui est le nôtre, s'ébauche encore en nous; nous reprenons ce pli qui nous semble d'hier, comme si tant d'années qui nous séparent de ce moment s'étaient soudain évanouies.

Yves mon fils trottine, plus chancelant que de coutume, sur le pont mouvant du bateau qui nous emporte sur le lac. Il a deux ans et demi; il est engoncé dans sa pélerine blanche et dans sa gêne de circuler seul, sur ce plancher peu sûr, parmi tant de grandes jambes étrangères... Tout à coup, je me souviens. J'avais à peu près cet âge; j'étais ainsi. J'avais une robe à pélerine, en laine blanche, faite au crochet. J'étais cette petite boule vivante, pelotonnée, un peu gauche, mal assurée parmi les êtres et les choses. Je voyais peu de monde; je quitais peu mes parents, et quand je me trouvais seul parmi des étrangers, j'étais malheureux et sourdement angoissé. C'était comme si le monde se dérobait sous moi (semblable à ce plancher de bateau) et la lumière, vraiment et sans nulle métaphore, devenait terne et sombre.

Nous étions en visite dans la famille de ma marraine, qui habitait une petite ville voisine. Mes parents faisaient ce voyage avec moi une ou deux fois chaque année. Mais cette fois-la, c'était encore pour moi étranger et nouveau. Pas tout à fait pourtant, et j'ai le sentiment que je me reconnaissais, comme si j'étais déjà venu là dans quelque existence antérieure, — car quelques mois, à cet âge, sont toute une métempsychose. — Le certain, c'est qu'il y avait autour de moi beaucoup de visages inconnus, ou plutôt beaucoup de jambes et de pieds inconnus, puisque j'étais encore ce petit chat qui doit faire son chemin parmi des jambes, et s'inquièter des allées-et-venues de ces grandes choses menaçantes. A ce stade, les gens existent surtout par la partie inférieure de leur personne; les robes et les pantalons ont des intentions énigmatiques, — peut-être bêtes, peut-être profondes — vont ici, vont làl s'arrêtent. Les pieds sont les organes de leur intelligence. Quand toute la masse va s'ébranler, ce sont les pieds qui s'agitent d'abord, virevoltent, pointent du côté où tout va partir. Les pieds ont ainsi un rôle prophètique; ils sont des espèces d'antennes, des nez plus ou moins fûtés et pointus. Ce sont eux qui savent et qu'il faut interroger.

Quand les regards de l'efant se renversent et vont plus haut, dans une inquiétude de comprendre, et d'en appeler en dernier ressort á quelque instance supérieure, alors ils voient toute la personne en pains de sucre, et au sommet la tête, mince, diminuée, lointaine, pâle et lunaire, avec ses grimaces falotes, et comme à un étage moins réel des choses.

J'évoluais donc parmi beaucoup de ces pains de sucre inconnus, ou reconnus si vaguement que c'en était plus inquiétant encore, à cause du mystère troublant de cette réminiscence obscure. La famille de ma marraine avait des ramifications nombreuses. Il y en avait dans trois maisons contigues, à tous les étages et à tous les corps de logis. On me menait de l'un chez l'autre; on traversait des cours vitrées, des boutiques, des arrière-boutiques; rien n'était de plain-pied; on montait et redescendait partout des marches. De la lumière crue de la cour vitrée, qui piquait les yeux, on passait brusquement à je ne sais quels sous-sols ténébreux. J'étais dépaysé par ce remue-ménage. J'avais entre autres une préoccupation que je retrouve parfois au cours de mes premières années: Je revoyais en effet la même boutique tantôt par devant, tantôt par derrièré je revoyais la cour successivement d'en bas et de chacun des étages: était-ce la même boutique, était-ce la même cour? Je reconnoissais les choses. mais elles avaient changé. Elles s'étaient ramassées ou étirées. C'est bien gros pous l'enfant que de se débrouiller parmi tant d'énigmes. Madame Artus raconte comme un de ses tout premiers souvenirs d'enfance la découverte sensationnelle qu'elle fit un jour, en comprenant que lo bureau de son pére, vu de face ou vu de profil, n'était qu'un seul objet.

On avait abattu le dîner de midi et les dîners dans cette maison étaient copieux et

bien tassès, relevés de cette solide gaîté bourgeoise qui a le rire large et le verbe haut. Tant de monde, tant de voix, tant d'allures bruyantes: cela me déconcertait et me fatiguait, moi petit enfant si accoutumé au silence. Je soupçonne que ce jour-là, en sortant du repas, j'étais dé jà d'humeur lourde et maussade.

C'est ici que se place l'èvénement: car tout ce qui précède est sans doute un amalgame de plusieurs visites dans la même maison; cela ne se présente pas à moi avec cette note originale. de l'expérience unique tout à coup ravivée. Mais voici le souvenir propre à cette journèe, où j'avais l'âge de mon fils, et cette robe à pèlerine blanche.

Je le situe, ce souvenir, dans cette atmosphère maussade qui suivait le long repas de midi, lorsqu'on en a fini avec la tarte. Alors les grandes personnes font durer le plaisir du café, de la fumée et du pousse-café, et ne savent plus que faire des enfants. Un beau-frère de ma marraine avait quant à lui la rèputation de savoir les occuper. Homme jeune, entreprenant, bien en train, qui aimait bricoler et plaisanter, et qui savait se mettre à la portée des petits. Il avait eu l'idée de m'emmener avec son fils Georges et sa nièce Madeleine. Ces deux enfants, à mes yeux, étaient grands, car ils avaient bien quatre ans, et Georges était en culottes. Je ne les connaissais pas assez pour me sentir à mon aise, et toujours, à cette èpoque, j'étais même plus géné en présence d'enfants que parmi des grandes personnes. Mais le "monsieur" qui nous emmenait ne me tranquillisait pas tout à fait. Georges l'appelait papa, Madeleine l'appelait oncle Charles, et ces deux noms donnés à la même personne, voilà qui ajoutait une énigme de plus à toutes les énigmes de cette journée. Je revois ces longues jambes de pantalon, peut-être rayè, qui arpentaient à côté de moi. Porfois je regardais plus haut, et je voyais alors, très loin, la petite tête irréelle, aux traits mobiles, comme si elle était formée de nouveau à chaque instant, par les reflets dansants du lorgnon. De ces reflets une voix sortait, qui me parlait. Moi je ne comprenais pas. Je reconnaissais des mots, mais le timbre sourd, assez particulier, de cette voix, m'occupait davantage. Je ne saisissais pas les phrases, il ne parlait pas ma langue. Et puis j'étais trop intrigué, trop inquiet aussi, pour comprendre. J'étais plein de questions incapables de se formuler en paroles. A cet âge, le vocabulaire de l'enfant est si pauvre, au prix de toutes les questions qui s'ébauchent en lui! Je soupçonne qu'en réponse à la voix qui me parlait, je regardais de cet air hébété qu'ont souvent les petits enfants devant les étrangers: masque d'hébétude qui recouvre tout un monde de p nsées attentives et anxienses, d'autant plus lourdes qu'elles nont la parole pour s'eclairer en s'exprimant et pour débrouiller leur enigme. Des philosophes se demandent si l'on peut penser sans paroles intérieures. Je crois bien! Mais c'est une pensée qui n'aboutit jamais. Le petit enfant pense sans paroles. Cette pensée, plus confuse, n'en est que plus intense: son écheveau qui ne peut se dévider pèse en boule sur le coeur. Je me sonviens de mon état d'âme de c jour-là comme d'une impasse où l'on craint de se sentir étouffer, comme d'une sourde douleur lancinante dans le demi sommeil, comme d'un vague cauchemar d'angoisse sans issue. Impossible d'exprimer ce qui remue en moi, et de m'en délivrer. Cela va-t-il durer toujours? Et pour dire aujourd'hui, en notre langage d'adultes, ce que je sentais et pensais, il me semble qu'il me faudrait des pages:

Où me mène-t-on? Qui sont ces inconnus? Pourquoi ces deux enfants sont-ils si joyeux, si à leur aise avec cet "oncle Charles"? Sans doute cela la tranquillise un peu de voir leur belle humeur; ils me donnent la main et je me laisse faire. Mais je ne puis me mettre à leur unisson. Je ne vois rien ni personne de ce que je connais... Oui, tout à l'heure, derrière moi, (car le passé ne fait qu'un avec ce-qui-est-derrière et l'espace et le temps ne sont ancore guère distincts pour moi) — tout à l'heure, derrière moi, il y a, il y avait, la salle à manger dont le bruit me tapait dans la tête; il y avait maman. Elle s'était, sur sa chaise, un peu détournée de la table, vers moi. Elle m'avait doucement encouragé d'aller avec ce monsieur et avec ces deux enfants. J'avais regardé sans comprendre, j'avais donné la main et j'étais allé. (Du moins, je gagerais que cela s'est passé ainsi). Alors il y avait eu derrière nous des rires et des réflexions plaisantes par toute la table, à propos de nos trois petites personnes, de la mienne surtout, vues de dos et qui s'en allaient. Ces rires ne me blessaient pas dans ma fierté, mais ils s'ajoutaient à toute cette série de choses que je ne comprenais pas. Je les trouvais plutôt déplacés, car je n'étais pas gai...

On était sorti de la salle à manger; la présence de maman avait disparu, et alors les choses avaient pâli, comme quand il passe un nuage. J'entendais encore derrière moi les échos des rires affaiblis, dans ma mémorie, mais je ne distinguais pas si c'était la mémoire ou si c'était l'éloignement. Je me sentais seulement toujours plus séparé de ce groupe de gens et de choses où était maman. Cela se perdait toujours plus loin dans ce-qui-est-derrière.

Il me semble que nous avons marché très longtemps; peut-être avons-nous seulement traversé deux ou trois chambres, et il se pourrait bien que l'espace clair, un peu éblouissant, où nous nous

arrêtons fût simplement la cour vitrée; sur le moment, j'en ai le soupçon, mais je ne suis pas sur de la reconnaître; du reste, je n'ai pas les loisirs de creuser cette question. Sans paroles intérieures, s'il est possible de penser, il est difficile de retenir la pensée qui veut s'echapper. Je la sens qui s'efface peu à peu, cette question, sans que j'aie la force de la fixer pour y penser; elle passe dans un arrière-plan de mon esprit; car au premier plan, il y en a d'autres, plus inquiétantes. Pourquoi nous dit-on qu'il faut attendre et nous exhorte -t-on à la patience? Madeleine, pour me faire tenir tranquille, m'amuse comme une petite maman, assez fière de ce rôle. Dans l'immobilité, je sens mieux le vide autour de moi, je suis perdu. L'oncle Charles fait des gestes bizarres que je ne comprends plus du tout.

J'arrive à l'instant aigu de mon souvenir. Mais j'ai peur qu'ici ce ne soit plus un souvenir, car on a plusieurs fois par la suite raconté la chose devant moi. Et une photographie est restée em témoignage, où je suis entre Georges et Madeleine dans ma robe de laine blanche, esquissant la petite grimace pitoyable qui, chez l'enfant, annonce les larmes. Il paraît que je me suis mis à pleurer au moment même où l'oncle Charles pressait sur le bouton. Mais ce moment psychologique, je ne crois pas en avoir gardé mémoire directement, soit que le souvenir ait été brouillé par les récités qu'on m'en a faits, soit que l'émotion ait été justement trop aiguë à ce moment-là et trop lourde á porter pour ma conscience. Je sais encore, sans m'en souvenir à proprement parler, qu'on m'avait bien recommandé de ne pas dire à maman que nous étions photographiés, car on voulait lui en faire la surprise, et il se pourrait bien que l'idée de cette chose faite en secret de maman fût ce qui déclancha mes larmes. Je dus faire de mon mieux pour garder le secret honnêtement, et cependant je le trahis, en disant qu'on nous avait fait voir un petit oiseau.

1922.

L. CHARLES-BAUDOUIN
("Premiers émois")
à paraitre

P. S. "Premiers émois" traduit en anglais par Fred. Rothwell (le distingué traducteurs de Loti, Schuré, Bergson et Rolland) paraîtra prochainement à Londres.

Chronicas:

Angelo Guido — **Illusão** (Ensaio sobre a Esthetica da Vida, de Graça Aranha).

VAE um homem pelas ruas escuras, ouvindo rumores asperos, intervallados, mas constantes. E nada o allegra nem o entristece.

De repente, porém, uma luz illumina a calçada: o homem levanta o olhar, percebe uma janella aberta e, por ella, descobre, dentro da casa, uma lampada acceza, um quadro na parede, um store que se enruga, um vazo de crystal coroado de rosas... E segue depois a imaginar como seria a sala toda, adivinhando detalhes, construindo, sonhando com um contetamento claro d ntro dalma...

Um livro é como essa janella aberta: mostra um pouco da alma do autor. E nós, por esse pouco, reconstruimol-a, em sonho, integral e maravilhosa, para amal-a em seguida, porque a conhecemos.

A Cuvier davam-lhe um osso e elle, agil e esperto, nos devolvia um dinosauro. Angelo Guido offereceu-me, não um osso duro de roer, mas um raio de luz, que eu poderia multiplicar em outros pelo prisma de uma analyse passiva.

Elle fala de Graça Aranha com sympathia, com inquietação. Ah! como eu amo os espiritos inquietos, dynamicos, os espiritos que querem achar o segredo do mundo!...

As nossas pobres vidas são echos, repercussões de uma grande voz invisivel e unica... Os echos querem voltar para a sua fonte harmoniosa e definitiva.

Ha uma tendencia em nós fundamental e irreversivel, mas que se fragmenta em outras: o desejo de unidade. Toda a vida intellectual e sentimental é por ella dominada, inteiramente. Assim é que saber é unificar, ligar o desconhecido ao conhecido, o misterioso ao familiar:

logo, uma integração. A ignorancia — um estado intermedio, em que não nos é possivel ligar a experiencia nova com a velha. Na esphera sentimental, a mesma cousa: o amor, a religião e a arte, tudo é ancia de unidade, de integração.

Quando a tendencia é contrariada, nasce a dor. A dor é uma impossibilidade temporaria de unificação. E o artista, o philosopho e o religioso realizam, por caminhos diversos, a integração cosmica das consciencias.

Até ahi, Angelo Guido e Graça Aranha estão, parece-me, de accôrdo. Depois apparecem as divergencias, que são muitas. Fazer o balanço não me seduz. Teria que escrever muito. Demais, "Illusão", como todo livro de um ser que pensa poderosamente, reflecte melhor a alma de quem o escreveu do que a de quem o suggeriu. Assim é que Angelo Guido não se resigna a crer que "A Unidade é a inconsciencia absoluta". Para elle, a perfeição é uma consciencia cada vez mais apurada dos nossos "paraizos interiores". Distinguir, com perfeita acuidade de visão, o bem e o mal e cristalizar a personalidade, em vez de dissolvel-a, como quer Graça Aranha, no grande mar das forças dynamicas do Kosmos, eis, quero crêr, os dous indices fundamentaes da philosophia de Angelo Guido. Diante de sua concepção, os phenomenos kosmicos são forças disciplinadas para um fim possivel. Para Graça Aranha, são forças disciplinadas num jogo harmonioso, forças que se bastam a si mesmas, sem ser atrahidas imperativamente pelo campo magnetico de "um fim". Existe, como se vê, um parallelismo entre as concepções mystica e pantheista. Entretanto, o proprio mysticismo de Angelo Guido está mais longe do mysticismo de Novalis, do que este do pantheismo espiritualista de Graça Aranha. Novalis, num dos seus aphorismos, affirma: "Para o verdadeiro religioso, nada é peccado". Navalis, ahi, dá a entender que o verdadeiro espirito religioso tende a assimilar monstruosamente o mal ao bem. E neste ponto, o mystico allemão e Graça Aranha gravitam harmoniosamente na mesma porção de espaço.

E' preciso, para lêr o livro de Angelo Guido, ter a experiencia philosophica dos problemas fundamentaes que agitam o espirito humano. E' preciso ter sentido profundamente a belleza torturada destes versos de Tennyson, no "In Memoriam":

...and so runs my dream...
but what am I?
An infant crying in the night
An infant crying for the light
and with no language but a cry...

A. C. COUTO DE BARROS

"O Homem e a Morte" — Menotti Del Picchia — Monteiro Lobato & Cia. — S. Paulo — 1922.

O movimento revolucionário artístico que se acentuou, ha coisa de 2 anos, com a definitiva feição tomada por certos moços de S. Paulo, teve seu Messidor nêste ano do Centenário. Ronald de Carvalho deu-nos, no Rio, seus "Epigramas Ironicos e Sentimentais". Oswaldo de Andrade apresentou "Os Condenados". Agora é a vez de Menotti Del Picchia com "O Homem e a Morte". Lastimo sinceramente que "As Canções Gregas" de Guilherme de Almeida não possam aparecer ainda êste ano. A tetralogia conpleta das grandes obras que modificarão certamente a fisionamia das letras indíginas teria aparecido no periodo fechado dum ano; e bem poderíamos em 2022 celebrar o 1.º Centenário de nossa indepedência literária.

E digo "independência" pensadamente, certo do que digo; embora saiba que estas obras claramente se ligam a feições modernas da literatura universal. — Então é denendência! — Não. Antigamente imitávamos a literatura francesa com uma distância de mais ou menos duas gerações. Agora estamos com o presente da literatura universal. Não é mais seguir. E' ir junto. Não é imitar. E' coadjuvar. Independência pois.

Alguns pensarão que, por modéstia, não citei "Paulicea Desvairada"... Não citei porquê não devia citar. "Paulicea" (como aliás imagino que será toda a minha obra) tem um aspecto tão especial, tão desvairado, tão **extra**, que não pode ter um efeito plausível numa renovação. Seu caracter selvagem, orgulhosamente pessoal tira-lhe essa expressão de humanidade, de coisa universal, cósmica, que permite desenvolvimento, assimilação. E' uma obra á parte. Pode-se seseguir o curso dos dois. Seria uma tolice pretender acompanhar a estrada dos meteoros. Seria propositadamente dar á própria obra motivos de caducidade, de efemeridade desumana e ridícula. Só os sois podem iluminar e fecundar.

Entre êstes: "O Homem e a Morte" de Menotti Del Picchia. Como estamos longe da literatura francesa! Si fosse preciso dar um **pedigree** ao "Homem e a Morte" só entre as literaturas místicas (no sentido moderno da palavra) do norte e do sul europêu, da Alemanha e entre alguns escritores da América espanhola, encontraríamos a fonte dessas páginas magnificas. Mesmo entre aqueles que modernamente poderiamos chamar de místicos, na literatura francesa, Menotti a êles se aparenta unicamente por êsse caracter comum duma construção filosófica

scientífica, mais propriamente sentimental que intelectual. No resto: mais nada de francês. Aquela clareza, aquela auto-crítica, aquêle senso de proporções, aquele bom-gôsto distinto, um pouco envergonhado, que faz da literatura francesa a mais regimentada que existe... Nada disso. O lirismo desordenado; a violência de impulsões subconscientes altamente populares; o optimismo (até para a dor) que crea desde a risada grossa imperturbável até as desoladas cóleras eloquentes; o misticismo irregular que tomba da mais alta espiritualidade á mais rústica crendice; e, finalmente, êsse gôsto taurino do vermelho, das cores fortes, das imagens afastadas, catedralescas, deslumbradoras.

Ora ninguem negará que si um dia existir um espírito brasileiro, como existe um espírito egípcio, um espírito grego, um espírito russo, êsse brasileiro espírito será muito dissemelhante do francês. O que forma um **espírito**, muito mais que uma simpátia, mesmo generalizada, ou tres ou quatro personalidades insuladas, é fundamento racial e mais o clima, os aspectos e recursos da terra, o modo de viver. E nada mais dissemelhantes nêsse ponto que a França berdeira e o Brasil aventureiro e **arrivista.**

Menotti Del Picchia é duma verborragia altissonante e eloquente. Cansativo mesmo. Nada da subtileza dêsse estilo tão esperto na sua composição que parece comum e que não cansa. Quem lê Anatolio France tem a impressão de ouvir uma musica divina que êle, leitor, poderia ter criado. Quem lê Machado de Assis, não lê, conversa. Quem lê Proust, não lê, pensa. Menotti não. Como Alencar, como Flaubert, como D'Annunzio, impõe-nos seu estilo. E elevamonos a alturas tropicais. Ha cataractas e perobas. Noroestes e tempestades. Amazonas e Itatiaia. E' esplendido. Mas cansa, como a paisagem ingente acabrunha. Não ba nesta adversativa a verificação dum defeito, propriamente. Observo o efeito duma tendência. E tendência natural, racial e legítima. Já disse uma vez que por êsse lado da impetuosidade, da magnificência, a literatura brasileiramente brasileira se diferençaria de sua irmã portuguesa. Alegro-me por ter junto de minha opinião a de Gilberto Amado. Menotti é um reflexo da natureza do país. Faz parte da natureza do Brasil. E' um cerne hirsuto, de folhagem luxuriante, de florada entontecedora e frutos capitosos. Assim compreendo a eloquência da quasi totaliddae das páginas do "Homem e a Morte". E' o que ha de mais legitimamente natureza do Brasil. Creio que por êsse lado Menotti adquiriu a definitiva posse de sua pena. Senborea-a numa dicção admirável e possante. E' pena que não observa com mais crítica as páginas que esculpe com tanta franquesa. Extirparia do livro pequenos descuidos de expressão que, si não chegam a afeiar a estonteante beleza da obra, por várias vezes quebram o êxtase do leitor.

Nesse estilo brilhante e sonoro expande-se o lirismo mais extraordinário que nunca se registou em lingua brasileira. Dotado duma imaginativa fecundíssima, são corimbos e corimbos de imagens deslumbrantes que faz espoucar como fogos de artifício. Mas Menotti não escreve só pelo prazer de criar imagens. No meio turbilhonante délas ha qualquer coisa que as justifica e une e faz pensar. Ha **idea.** Certos criadores de imagens são verdadeiros fogueteiros. Deslumbram. Mas o fôgo termina. E nada fica para se pensar. Sente-se a noite mais negra e mais vasia.

A construção do "Homem e a Morte" é motivada por concepções místico-panteistas, cujo maior mérito é permitir ao poeta surtos de lirismo transbordante e explosivo da mais extasiante beleza. E' curioso notar-se como Menotti se aproxima da tese panteista em torno da qual o inglês Algernoon Blackwood construiu seu Jardim de Pan. Si não tivesse a certeza de que Menotti desconhece Blackwood, diria que "O Homem e a Morte" inspirava-se nos contos "Nostalgia do mar" e "O Homem que as arvores amaram" do livro citado. Menotti porém está muito acima do contista inglês nêsse sentido que expõe e defende uma tese curiosíssima.

Quanto ao Homem poderá dizer-se que é filho legítimo das teorias de Freud. Todas as suas fantasias, suas extranbas concepções místicas, produ-las o Homem na exaltação do amor. Disso provém talvez a forte atmosfera de realidade em que se move, e em que reside sua verdade psicológica.

Mas Menotti nem disso precisava para fazer viver sua personagem, pois é dotado dum extraordinário poder criador, que impõe sua realidade sem que lbe seja necessario observar a **realidade** universal. Por mais afastada que seja desta realidade universal uma obra sua, Menotti imprime-lbe uma tal convicção, tão enérgica vitalidade que ela se torna frementemente real. Só os fortes podem assim agir.

Certas obras muito perfeitas dão-nos uma impressão de teatro. Ha sempre a poltrona que o leitor comprou e a ribalta iluminada que nos separa da acção. Mas com Dante, por exemplo, **descemos** ao Inferno. Ninguem até hoje deixou de acreditar em Ariel, lendo a Tempestade. Toda a gente luta com o índio de I-Juca Pirama. Mas ninguem acreditará na Sexta de Nero. E' que "poder-se ha cbamar de obra sincera áquela dotada de fôrça bastante para dar realidade á ilusão", como diz Max Jacob.

Cito propositadamente em aplauso a Menotti Del Picchia um dêsses modernistas franceses

que êle costuma **levianamente** ridicularizar nas suas cronicas sentimentais. E afirmo: **levianamente**, porquê Menotti muito pouco os leu para ter sobre elles juizo seguro.

Mas voltemos á fôrça criadora do autor. E' extraordinária, já disse. Ele pouco se importa, em "O Homem e a Morte" com a realidade existente, ou, por outra, conhecida. Sobrepõe a ela a sua realidade interior delirante e maravilhosa. Sua São Paulo é um fulgor. Seus ambientes fantásticos e atraentes. Mas impossível discutir a veracidade dêles. O artista criou e nos apresentou **sua** S. Paulo, **seus** ambientes, impondo-os com a torrente persuasiva do seu lirismo e com o seu formidável poder criador.

Nessa paisagem real o Homem amou Kundry e sofreu por ela; percebendo só no fim de curta vida que ela era a Morte. E quem lhe conta esta verdade? E' o Espírito da Váia.

O Espírito da Váia!... Um livro horrível, que tivesse dentro de si essa criação, seria uma obra imortal. Quatro páginas apenas, sóbrias, enérgicas, sublimes! O diabinho, emissário de filosofias moderníssimas (e tambem antiquíssimas, oh manes de Anaxagoras!) põe-se diante do Homem e ri-lhe na cara de todo o misticismo que êste criara na sua desregrada sensualidade. "O mundo não passa duma projecção cerebral, assobia êle. Kundry... E' uma mulher? E' uma idea? Será uma coisa viva? Si Kundry é uma coisa viva ela deve ter uma morte. Experimenta destrui-la; assim possuirás a certeza de que ela viveu."

Não sei porquê Menotti fez o Espírito da Váia aparecer num sonho do Homem. Não é verdade. Esse filho da inquietação contemporânea tem existência real. Anda a nosso lado, com suas formas aduncas, verde-pálidas. Aparece em todos os prazeres, glórias, trabalhos, dores, exultações. E Menotti deu-lhe a imortalidade em algumas das mais inesquecíveis paginas da literatura nacional.

E' preciso distinguir entre os criadores artistas, os que mais se preocupam com a Arte e os que mais se preocupam com a vida — elemento originário da arte. Aqueles tornam-se na quasi totalidade artistas de elite. Estes actuam mais poderosamente sobre as massas. Si ambas as classes são igualmente beneficiadoras da beleza, sob o ponto de vista humano, os artistas da Vida são mais fecundos que os artistas da Arte. Os artistas da Arte são gosados pelo pequeno número. Os da Vida tornam-se mandatários e reis. Vejo Menotti entre os últimos. Moisés. Juca Mulato. Pão de Moloch. A Mulher que pecou. Possúi uma fôrça tal, uma tal eloquência persuasiva, um brilho tão diurno, um optimismo por tal forma popular que poderá conduzir as multidões. Si criar, prégar, desenvolver (verso, prosa ou acção — sempre poemas) uma teoria, uma orientação politica e social, creio que reproduzirá entre nós a influência dum Tolstoi, dum D'Annunzio, dum Barrès.

Mas que Menotti se precate contra a gente da terra. Bilac tambem gritou um lindo gesto. Aurora! Erupção! Trabalho! Gritaria. E o crepúsculo rápido. E a noite geral. E uma lua fria, vagabunda pelo céu. Liga Nacionalista.

O milhor será mesmo não adquirir essas pretenções. Continue a dar-nos obras magistrais como "O Homem e a Morte".

M. de A.

Martins Fontes — "Arlequinada" — Edição do Instituto D. Esch. Rosa — Santos — 1922.

O alaridal dr. Martins Fontes, mãi dos poetas brasileiros (expressão, segundo me comunicaram, do proprio médico) publicou com pequeno intervalo dois trabalhos de feição totalmente diversa: Marabá e Arlequinada. Deixo o primeiro poema para dia de mais pachorra. Praz-me agora dizer unicamente de "Arlequinada" — "fantasia funanbulesca mimo".

Ha um passo realmente engraçado no poema. Arlequim "cantareja":

> "Mamam os filhos, ás vezes
> sem parar, sem ter canseira.
> Mamam na mãi nove meses
> e no Pai a vida inteira."

Para mim o distinto esculápio quis aludir á sua própria Musa, palreira e espavental. Com efeito, a Musa do dr. Martins Fontes ficou a mamar nos seus pais, "Banville e Mendes gloriosos" e mais Edmond Rostand. Sentiu-se tão bem assim, farta, bifarta, centifarta, multifarta, que não se preocupou de ir para deante; e lá ficou, atrasadota, ramerrámica e pernóstica a sugar e ressugar as murchas mamas dos aludidos pégasos.

Era pois natural que a pimpante dama exultatriz sentisse, ao chupar tais mamas simbólicas e alcoólicas, as cólicas estrambólicas, sonambúlicas e não-me-amólicas, cuja explosão floriz, resultatriz deu ás letras nacionais a glória imarcessível, incrível e plausível de "Arlequinada".

A carreira ascencional do dr. Martins Fontes está inegavelmente concluida. Depois destas duas obras colossais com que fogo-de-artificiou o Centenario Independentriz e brasilial, só um posto resta ao alaridal **diseur:** a AKademia; só uma folha o merece: a "Revista de lingua quinhentista Portuguesa". Com effeito: Conhecimento nítido e louvável da lingua. Vocabulário extensíssimo. Habilidade fóra do comum em cons-

truir neologismos regulares. Espirito tambem regular. Instrucção tambem regular. Mas tudo isso somado, multiplicado não dá Poesia, oh não!

Como profissional do verso medido o popular médico decaiu. Ha em "Arlequinada" uma porção de alexandrinos fragilimos. E, o que é pior, batidos, martelados. O hemistíquio ribomba, nítido, implacável. E' sem duvida o entusiasmo pela lusa poetice guerrajunqueiriz e juliodantal que lhe roubou a saborosa elasticidade que o alexandrino adquirira no Brasil. Quanto ás rimas... são desesperadoramente esperadas.

Quando Arlequim aparece, quis o Dr. Martins Fontes meter-se em versos de metro vário. Foi um desastre. Raro conseguiu um ou outro efeito rítmico interessante. Desiluda-se o aplaudido alópata. Continue no alexandrino e no octossílabo que são mais fáceis. Deixe o ritmo dos versos de metro vário para os poetas. Este género requer uma sensibilidade finíssima, que o dr. infelizmente não possúi. Possúi, e em abundância, essa rima rica da sensibilidade que se chama a sentimentalidade.

Provou-o sobejamente em Marabá — mulatinha nua, enfeitada de penas, com a qual o corajoso dr. teve em pleno salão de festas no Palacio da Paz, em Háia, deante de quatro damas educadíssimas, um coloquio amoroso e beijocal. Com franqueza: é sentimentalismo que confina á indecência.

Como fazem mal as Musas aos doutores! Homens honestos, bem educados, até simpáticos; cidadãos, enfim, dos quais o Brasil espera que cumpram seus tão claros deveres... Mas lá começam as Musas a mamar o leite, nem sempre digestivo, dos pais e é isso: os doutores enegrecem suas carreiras burguesas, digníssimas com a fábrica toliz, bobiz, chinfrim e chafariz das arlequinadas.

E' HORRORAL, ABRENUNCIAL, e VADERETRIZ!

Força é pois vaiar, flaufiauizar, batatizar, ovopodrizar nestas linhas tão alaridal mamata.

MARIO DE ANDRADE

Recebemos:

LA VIE DES LETRES, numero de janeiro, com escolhida colaboração de Paul Dermé, Renée Dunan, etc., e uma peça em tres actos de Nicolas Beauduin.

LUMIÈRE, numeros de novembro e dezembro. Traz boas reproducções de Le Fauconnier, Louis Bouquet, Franz Maaserel, Van Stratten, etc. Poemas e artigos de Avermaete, Albert Lépage, Guilherme de Almeida, Serge Milliet, etc.

NOUVELLE REVUE FRANÇAISE, admiravel numero, de 400 paginas, consagrado a Marcel Proust, o extraordinario romancista moderno francez, fallecido em novembro ultimo. Os mais brilhantes nomes da actual geração franceza entre os quaes Barrés, Valery Larbaud, Paul Valery, Cr;mieux, Souppault, publicam nesse numero bellos artigos sobre a vida e a obra do autor de **Sodome et Gomorrhe.**

LES NOUVELLES LITERAIRES, o util e bem organizado hebdomadario parisiense, com informações literarias e artisticas sobre as ultimas producções do espirito francez.

CINEMA

O cinema deve ser encarado como algo mais que um méro passatempo, quasi por taxi, ao alcance de todas as vistas, com a utilidade pratica de auxiliar as digestões e preparar o somno. Já se foi o tempo em que servia sómente para a demonstração da chronophotographia. Evoluiu, tornou-se arte, e veio accentuar ainda mais a decadencia do mau habito dos serões em familia, enfadonhos e interminaveis, mesmo quando se fala da vida alheia.

Ciosos na conservação das rotinas, todos os catões se irritam contra elle, apesar do seu alto papel na educação moral. Como é que um pae ha de ensinar á filha certas feições da vida ? O meio mais facil é leval-a ao cinema, cuja alta moralidade, reduzida á expressão mais simples dá a formula:

TODO MAU E' CASTIGADO.
O BOM ACABA VENCENDO
E RECEBE DE PREMIO O CASAMENTO.
SI FÔR CASADO... UM FILHO

Moral a preço de occasião, está se vendo. Mas é disto que o povo gosta, com o tempêro de uns obstaculos pelo meio, porque mesmo para elle o prazer muito facil não tem attractivo. Não pareça isto elogio; até os gatinhos gostam mais de brincar com um obstaculo entre a patinha e a bola de papel. Deliciam-no os romances em series — 20 capitulos — cheios de difficuldades e de mysterios, que se resolvem na proxima semana, — thesouros enterrados — anneis fatais — bandidos indús — "virgens" marcadas... etc.

Para o Snr. Todo-o-mundo, e Exma. Familia, os actores preferidos sãos os dos **papeis sympaticos,** sejam verdadeiros artistas ou não. São as meninas de fabrica que fazem casamentos ricos, ou millionarias apaixonadas por pobretões virtuosos (note-se, de passagem, a influencia do dinheiro na sympatia). Detestam pelo contrario todas as "vampires" porque seduzem os maridos e

levam meninotes para a roleta, e sobretudo nem podem tolerar os grandes piratas sociaes, que, com a maior calma, jogam com o sentimentalismo alheio para proveito proprio. Se os supportam ás vezes, é simplesmente pelo facto de realçarem pelo contraste, os actos virtuosos dos bons. O povo tem o vicio de gostar das qualidades que os outros fingem possuir, e que elle não pratica.

Porem os enredos são sempre vulgares. A moral é util demais, porisso não nos interessa...

No palco mudo os principes do cynismo passam desapercebidos na sua arte, quando não recebem nas ruas vaias e pedradas, como Stuart Holmes — calmo, deante dessa manifesta admiração **á l'envers,** e sorridente por saber que o odio resulta d'elle ser tão bom actor que o levaram a serio...

Um poema inesquecivel é o Medico e o Monstro (Dr. Jeckyll and Mr. Hyde, de Stevenson). Quando John Barrymore bebe a tisana enfeitiçada que o transforma em malvado, por simples jogos de physionomia, vae fazendo aos poucos transparecer em suas feições alteradas a hediondez do seu novo temperamento. Em contracturas horriveis, suas faces se escavam, os cantos da bocca tornam-se indecisos; o labio inferior cáe mostrando a segunda fileira de dentes, escuros, desiguaes. Surgem rugas denunciadoras de vicios repellentes. Os cabellos vão raleando e caindo alongados, como um véo que disfarçasse o seu olhar turvo de reprobo. As unhas cresceram, e os dedos se recurvaram em garra. Eis pronto o homem que se torce de gozo ao maltratar crianças, e mata o seu melhor amigo, com a delicia prohibida do collegial comendo chocolate ás escondidas...

Maltratar friamente, só pela emoção de assistir soffrer, é prazer refinado de pouquissimos eleitos. Maldades por vingança são demasiado banaes (já está mofada e azeda a geléa dos deuses...), porem praticar malvadezas gratuitas é um aperfeiçoamento só attingido pelos que apprenderam a adormecer o bicho-carpinteiro do remorso.

Em "Satanaz", Conrad Weidt desenvolve um trabalho neste genero verdadeiramente insuperavel. Tece intrigas medonhas, e coloca os fantoches uns deante dos outros. Finge-se amigo de todos para poder aconselhal-os perversamente. Fal-os beber, e atiça-os. E eis chegada a hora do gozo supremo, e, com todo descaro, ainda lhes diz: "Em todos os logares onde se bebe, se dança e se mata, estou presente".

Ha ainda cynicos de outros generos. Irving Cummings engana meia duzia de mulheres, e todas acreditam ser **a unica.**

Von Stroheim, commove lyricamente a sua criada, e empalma-lhe todas as economias com serenidade.

Alem de tudo, devemos admiral-os pela sua coragem.

A moral e a arte teem tanto a ver uma com a outra, quanto a Biblia com uma caixa de phosphoros marca Olho: ambas se referem ao Fiat Lux !...

A.

LUZES & REFRACÇÕES

NA REDACÇÃO DE "KLAXON"

TRISTE FIM DE UM HOMEM DE BEM

SCENA RAPIDA E IMPRESSIONANTE

(Quatro horas da tarde. A hora está em mangas de camisa. C-A-L-O-R. Um redactor está lendo "Os Luziadas" de Luiz de Camões. Entra um homem glabro de sobrecasaca cinzenta, cartolinha cinzenta, polainas cinzentas, cara enorme cinzenta, que esteve ha dois minutos entre as mãos de um barbeiro.)

O HOMEM GLABRO — E' o sr. Andrade ?
O REDACTOR — Depende...
O HOMEM GLABRO — Comprehendo. Ah! Ah! Ah! Os futuristas são assim mesmo. Bôa piada! Ah Ah! Ah! Impagavel! Agora, a minha apresentação...

(O homem glabro desdobra uma folha de papel e lê.)

NEPTUNO

Ao glauco mar desci, qual pescador de perolas,
guiado pela luz de um grande sonho exúl.
.... querulas,
.... sul.

.... cerulas,
.... paúl...
.... madreperolas
.... azul !

.... mesmo,
.... a êsmo,
.... pharol ?

.... pallido:
.... esqualido,
sob o regio esplendor diamantino do sol !

O REDACTOR — O sr. acceita um cigarro ?

O HOMEM GLABRO — Então, que tal ? E' uma das minhas ultimas producções. Como o sr. vê, sou futurista. Faço questão de declarar, alto e bom som, que acceito todos os dogmas da novel e progressista escola literaria... Um phosphoro, faça o favor?... Obrigado.. Como eu ia dizendo, acceito todos os dogmas... Não todos, quasi todos... Sim, porque, quer que lhe diga, aqui entre nós ? Eu faço uma pequenina restricção, apenas uma, ás suas theorias. Só com uma cousa eu não posso concordar, absolutamente não posso concordar: abolir a chave de ouro nos sonetos. Isso tambem é demais !Irra! Isso tambem não !

* * *

Este numero de KLAXON é dedicado a GRAÇA ARANHA. Significa toda a alegria de havermos encontrado em nosso caminho um espirito tão bello e tão alto, que soube sorrir para nós, emprestando-nos um pouco do seu enthusiasmo para multiplicar o nosso.

GRAÇA ARANHA é um companheiro delicioso, que já viajou muito pela vida e nos sabe contar as peripecias mais nossas de suas viagens. Um companheiro sempre alegre, sempre feliz, mais moço do que qualquer um de nós, alma sensivel, espirito universal, cerebro de artista e de philosopho, chimico do sonho brasileiro, Rouget de L'Isle da literatura brasileira.

Este numero de KLAXON é mais volumoso que os outros, para que o abraço dos klaxistas a GRAÇA ARANHA seja mais forte e mais longo.

* * *

O atrazo deste numero é devido exclusivamente á greve dos graphicos em São Paulo.

Paolo Buzzi acaba de publicar os "Poemi de Quarantanni"

Já o conheciamos em prosa. Nos "Poemi conserva a mesma originalidade ardente, tratando-a com superior technica em versos de ric assonancia. Multicôres e dourados, os versos do Poemi traduzem a phantasia exuberante, poderósa, modernissima do seu espirito, alliada a uma sensibilidade penetrante. Mais adiante tratando dos autores que ama, fal-o com extremado fervor, revelando-se o artista enthusiasta e sincero. Lembrou-nos um Villa-Lobos com a factura do autor de "Calendarios".

Paolo Buzzi faz parte da pleiade de bronze encabeçada por Marinetti. Ao lado de Janelli Bruno, Remochiti, Cangirello e tantos outros esforça-se soberbamente por renovar o espirito da velha Europa. Desde já se póde considerar victorioso e talvez um dia lhe devamos a ressureição do genio Latino.

Y.

* * *

Um critico do Mundo Literario e que tambem é collaborador de Klaxon, falando sobre o movimento artistico de S. Paulo, tomou-se de furia contra o serenissimo poeta Amadeu Amaral, disse-lhe cousas pezadas e, num ultimo arranco nervoso, atirou-o para a prateleira onde estão, alinhados e bojudos, esses entes sem espiritualidade e sem raciocinio chamados Joaquim de Queiroz, Chiquinho Mauricio e quejandos. O critico quando escrevia, estava evidentemente afobado, neurasthenico. Do contrario não se explica a objurgatoria contra um dos mais elevados poetas que o Brasil tem tido, — tão elevado que passa, para muita gente, por enfadonho e incomprehensivel. Portanto, é uma alma impenetravel ao espirito burguez e futil da nossa civilização. Para a burguezia, ahi estão os versos campanudos do snr. Martins Fontes e a poesia flôr de laranjeira do snr. Laurindo de Brito.

klaxon

Revista Internacional

—— DE ——

Arte Moderna

COLLABORADORES

BRASILEIROS:

Zina Aita, Guilherme de Almeida, P. Rodrigues de Almeida, Renato Almeida, Tarsila Amaral, Oswald de Andrade, Graça Aranha, Luiz Aranha, Carlos Alberto de Araujo, A. V. Azevedo, Manoel Bandeira, Victor Brecheret, Sergio Buarque de Hollanda, Ronald de Carvalho, Alberto Cavalcanti, A. C. Couto de Barros, Ribeiro Couto, Di Cavalcanti, Joaquim Inojosa, Anita Malfatti, Durval Marcondes, Serge Milliet, Rubens de Moraes, Motta Filho, Menotti del Picchia, Plinio Salgado, Yan, etc.

BELGAS:

Roger Avermaete, Bob Claessens, Joseph Billiet.

FRANCEZES:

Charles Baudouin, Nicolas Bauduin, Marcel Millet, Henry Mugnier.

HESPANHÓES:

Guillermo de Torre.

ITALIANOS:

Claudius Caligaris, Gaetano Cristaldi, Vin. Ragognetti.

PORTUGUEZES:

Antonio Ferro.

Numero Avulso: 1$000 - Assignatura: anno 12$000

Aviso á Praça

Pantosopho, Pateromnium & Cia., proprietarios da Grande Fabrica Internacional de Sonetos, Madrigaes, Balladas e Quadrinhas, communicam que, em virtude do grande movimento de suas officinas nestes ultimos tempos, e, para attender a innumeros pedidos de freguezes, resolveram montar, na cidade de São Paulo, um LABORATORIO DE ANALYSES CHIMICOS GRAMMATICAES além de um moderno GABINETE DE INVESTIGAÇÕES E CAPTURAS LITERARIAS.

Confeccionam-se, com perfeição, mofinas, verrinas, diatribes, catilinarias e pamphletos.

Trabalho garantido e sério. Acceitam-se encommendas para serem executadas em 12 ou 24 horas. Promette-se discreção.